

PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA



ESCULTURA
OBJETO
1975

**MUSEU
DE
ARTE MODERNA
DE
SÃO PAULO**

PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA

**PRÊMIO MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO
ESCULTURA, 1975**

**PRÊMIO MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO
OBJETO, 1975**

**PRÊMIO - ESTÍMULO CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
ESCULTURA, 1975**

**PRÊMIO - ESTÍMULO CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
OBJETO, 1975**

PATROCINADOS PELA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Com a presente exposição, completa-se o segundo rodizio do "Panorama de Arte Atual Brasileira" que, com tanto êxito e tamanho interesse, o Museu de Arte Moderna de São Paulo vem desde 1969 realizando. Voltamos a apresentar, assim, Escultura e Objeto, em duas secções distintas.

É possível que, em certos casos ou circunstâncias, não se consiga, na conjugação da prática à teoria, estabelecer uma nítida fronteira entre escultura e objeto. Aliás, no rumo que a especulação (ou melhor "pesquisa", para usar uma expressão muito em voga) em arte vem tomando, todo um elenco de distinções formais ou doutrinárias vai se esfumando, inclusive pela introdução de novos materiais de trabalho, como que a colaborar no sentido de um certo hidridismo ou ambiguidade. Tais considerações estarão, certamente, presentes quando se tratar do novo ciclo do "Panorama de Arte Atual Brasileira".

A apresentação dos artistas, como já é de praxe e regulamento, obedeceu ao sistema de convites individuais, sistema, esse, que nos parece continuar sendo o melhor, com todas as naturais imperfeições inerentes às escolhas e julgamentos humanos. Nesse passo, observou-se o mesmo critério perfilhado nas anteriores exposições. Sem se demitir de sua responsabilidade, nem abdicar de suas convicções, a Comissão de Arte louvou-se na opinião da crítica especializada, através de recortes da imprensa e outras fontes, como catálogos e demais publicações referentes ao assunto.

Afinal, num consenso unânime, em poucos anos, o "Panorama" tornou-se a mais expressiva manifestação, no setor de artes visuais que se exercem no País. Hoje, no "currículo" de um artista, constitui menção de peso o dizer que figurou no "Panorama de Arte Atual Brasileira". Esse fato indiscutível se, por um lado, confirma a excelência do que até aqui foi feito, por outro agrava a responsabilidade dos que se propuseram a continuar a sua realização. Prestigiada e estimulada pela alta direção do Museu, a Comissão de Arte assume essa responsabilidade, procurando agir, como sempre o tem feito, com isenção e imparcialidade.

É este o primeiro "Panorama" que se realiza, após o falecimento de Joaquim Bento Alves de Lima Neto, antigo Presidente, por alguns anos, do Museu de Arte Moderna de São Paulo, e que a essa exposição dedicava especial interesse e carinho. Quem, como o signatário destas linhas, dele sempre recebeu as mais inequívocas provas de confiança e amizade, não poderia esquecer-lo. Para encerrar, deixo pois aqui, no meu nome pessoal e seguro de interpretar o sentimento unânime de toda a Diretoria do Museu, com uma palavra de reconhecimento, a imperecível flor da saudade.

Paulo Mendes de Almeida

Pela sétima vez consecutiva, o Museu de Arte Moderna de São Paulo realiza seu "Panorama de Arte Atual Brasileira", este ano dedicado (como em 1972) à escultura e ao objeto. Já naquela época, coube-me registrar, num rápido **reviewing** publicado em "Veja" (18/10/72), certas características positivas da exposição, graças às quais ela revivificava o desgastado esquema dos salões. Os acontecimentos posteriores apenas vieram acentuar esses acertos. O contínuo esvaziamento da presença brasileira na Bienal, e a visível mediocridade da maior parte das demais amostragens coletivas, transformaram a promoção do MAM no único levantamento convincente da atual produção artística do país.

Sem dúvida, tem sido possível discordar do "Panorama" em um ou outro aspecto. Por exemplo, em seu caráter demasiadamente abrangente, traduzido pelo convite a um número de artistas bem superior ao necessário para traçar um quadro sintético e justo. Ou ainda, na divisão por categorias, já que toda uma faixa da criação dos anos 70 transbordou dos antigos limites estabelecidos pelas técnicas, e se serve por excelência das **multimedia**, da simbiose de recursos, de uma espécie de apelo a qualquer suporte dotado de potencialidades expressivas — inclusive o corpo, em substituição ao objeto. A crítica às categorias, entretanto, é discutível. Não são só as vanguardas, na verdade, que constituem as forças vivas da arte de uma época. Ao mesmo tempo que elas, mas em outros níveis de propósito e leitura, permanecem ativos vários estratos de criação, cujo significado se pode detectar a médio prazo, mesmo que se tenham servido de processos já convencionais. E para a sistematização inicial de tais estratos, a divisão por categorias ainda se revela um método adequado e eficaz.

Isso me parece particularmente verdadeiro com relação ao "Panorama" deste ano, que, ao adotar como campo de observação a escultura e o objeto, repõe em evidência as duas categorias menos vistas, menos conhecidas, menos estudadas e de certa maneira menos amadurecidas de toda a arte brasileira. Lançados assim de chofre, esses adjetivos podem conduzir a uma falsa impressão. Mas não se pretende, com eles, negar a existência, entre nós, de alguns escultores de alto nível, cujas obras constituem, conforme a feliz expressão de Aracy Amaral, "um desafio para a melhor pintura que temos no Brasil". A meu ver, seria o caso de citar, de imediato, as contribuições de Amílcar de Castro, Frans Krajcberg, Franz Weissmann, Lygia Clark, Rubem Valentim, Sérgio Camargo e o muito jovem José Resende, presentes neste ou em "Panoramas" anteriores, além do já historicizado Brecheret. E na categoria do objeto, parece-me de justiça destacar, de saída, as pioneiras e vigorosas incursões de Farnese de Andrade na área da "box-form" e da "assemblage".

Tal lista de nomes não impede, contudo, que a escultura brasileira seja realmente e em primeiro lugar, a menos conhecida de nossas artes. Nesse sentido, houve um significativo e espontâneo depoimento de Amílcar de Castro durante os debates do recente X Salão de Arte Contemporânea de Campinas (7 a 9 de novembro). Perguntado por uma das assistentes por que expunha tão pouco, Amílcar desabafou: "Ah, minha filha! A escultura é tão pesada, tão cara; dá tanto trabalho para montar; e os caras acabam não comprando. No fim, nem vale a pena expor."

Trata-se, é claro, da visão pessoal de um artista introspectivo e discreto, que confessa não lhe ser necessário, sequer, que o público freqüente sua obra. Mas temo que o quadro possa ser ampliado a outra escala. Não existem, de fato, em nosso mercado de arte incipiente e cheio de dis-

* Para a preparação deste texto, procurei ouvir brevemente três críticos de arte — Aracy Amaral, Frederico Moraes e Roberto Pontual — e o escultor Amílcar de Castro. Seus depoimentos substituem a bibliografia praticamente inexistente no setor. Evidentemente, os pontos de vista do texto não refletem necessariamente os dos entrevistados, a não ser quando lhes são atribuídos. Fico-lhes em débito, de qualquer forma, pelas sugestões, concordâncias, discordâncias, e pela pronta colaboração.

torções, colecionadores especialmente interessados pela escultura — a não ser muito raras exceções. Compreensivelmente, ainda lhe tem sido reservado pouco espaço em áreas públicas, já que as cidades brasileiras se vêem atoladas em problemas mais graves e imediatos (só 37% de São Paulo possui rede de esgotos). Os artistas que se dedicam à escultura são obrigados a altos investimentos, que vão do custo do material ao tempo empregado, e esse capital só retorna a duras penas e longo prazo — se é que retorna. A infra-estrutura das galerias e museus se mostra ainda desaparelhada para lidar com peças de grande porte. E a execução dessas últimas exige imensos ateliers, inexistentes ou inacessíveis em metrópoles como o Rio ou São Paulo. Tudo conspira, pois, para que o ato de esculpir — muito mais que o de pintar ou de gravar — se transforme num exercício de sacrifício. E para que seus resultados tenham, afinal, menos circulação que os produtos das demais áreas.

Dessas circunstâncias materiais acabam decorrendo problemas de outra ordem. Por exemplo, o fato de que, por não existir uma tradição nem regularidade de convivência, também não surja um rico material analítico do assunto. "Não há uma crítica de escultura no Brasil" — assegura Roberto Pontual. E, para Frederico Moraes, a questão estaria ainda relacionada com uma espécie de escala de complexidade, na qual a escultura ocupa um grau bem elevado. "Técnicas e linguagens mais narrativas" — argumenta Frederico — "são de mais fácil abordagem e atraem a atenção. Na escultura, ocorre um teor mais alto de abstração. E se estabelece, ao lado dele, uma espécie de quase-receio de enfrentar as grandes dimensões".

Essa relativa ausência crítica provoca, creio eu, uma espécie de tendência ao menor rigor, que muitas vezes se infiltra nos próprios **reviewings** jornalísticos e se espalha para os demais escalões do processo de produção e consumo: o artista, o intermediário (galeria, museu ou marchand) e o fruidor. Como regra geral, não me parece que se venha exigindo do grosso da escultura brasileira o mesmo nível de criatividade e originalidade, por exemplo, que se exige em outras técnicas. De certa forma, o esforço físico e as boas intenções têm servido para legitimar obras que não atravessariam, sem tais muletas, um crivo estrito. O fenômeno se verifica, sobretudo, na produção ainda vinculada à arte figurativa, seja através de tendências antrozo/mórficas (muitas vezes associadas à utilização de sucata metálica), seja através de linguagens ambíguas, que resvalam por influências das mais diversas, sobretudo Brancusi e Henry Moore. Num juízo pessoal, ousaria afirmar que os desníveis acentuados invadido, inclusive, a tão louvada produção de Bruno Giorgi, cujos maiores acertos se verificariam nas peças de inspiração para-abstrata.

Curiosamente, é neste âmbito — o da abstração — que a escultura brasileira atingiu seus pontos altos. Mais especificamente, no âmbito de uma abstração disciplinada, rigorosa, geométrica, como a que dominou os movimentos concretista e neo-concretista, e as obras de seus precursores e epígonos. Já nos primeiros anos da década de 50, pelo menos três jovens artistas (que por coincidência haviam morado em Minas) revelavam sua inclinação por uma linha construtiva: Mary Vieira — que logo se mudaria para a Europa —, Amílcar de Castro e Franz Weissmann. Em 1951, como que para reafirmá-los em suas convicções, o grande prêmio internacional de escultura da primeira Bienal coubera justamente a Max Bill. E nos anos subsequentes, sob o signo do construtivismo se inscreveram ainda a Lygia Clark dos "Bichos", o essencialmente internacionalizante Sérgio Camargo, e o deliberadamente nacionalista Rubem Valentim. Dos escultores vivos citados no início deste texto, portanto, só escaparam à rigorosa geometria o telúrico e orgânico Frans Krajcberg — que, nascido na Polônia, se apaixonou pela natureza tropical e resolveu cantá-la com eloquência —, e o lírico Resende, em cuja produção se pode intuir (mais que explicitar) uma resposta sensível à megalópolis que o cerca. Mesmo nesses dois últimos, contudo, persiste um controle dos resultados e uma limpidez sintática de origem inequivocamente racional.

Seria isso o resultado de uma inesperada **vocação natural** dos brasileiros para a arte construtiva? A tese (da qual se acha convencido Frederico Morais) parece de fato ilustrada pela produção na área escultórica. E um de seus representantes mais típicos, Amílcar — que também na década de 50 antecipou certas soluções formais só bem mais tarde definidas internacionalmente como "minimalistas" — é taxativo: "Trata-se de uma consequência da baderna geral. Temos que construir para resistir à bagunça". Mais dialético, acrescenta depois: "A vocação construtiva e a arte de protesto, aliás, são as duas faces da mesma moeda. A primeira nega. A outra prresentifica uma alternativa." Não estou certo, contudo, de que a tese da vocação construtivista se possa estender a todas as áreas da visualidade brasileira. Mesmo na mais abstrata — a arquitetura — parece-me possível redescobrir, via Niemeyer, a tradição assimilada e profunda de um barroquismo esufizante.

Um componente seguramente emocional invade, aliás, uma boa parte (tanto quantitativa como qualitativamente) de nossa produção na área do objeto. Nascido, a rigor, com a arte do século XX, a partir das experiências de Marcel Duchamp, Kurt Schwitters e Man Ray, o objeto se imbuí, como regra, de menos monumentalidade que a peça escultórica. Tende a ocupar menor espaço, e a se tornar mais confessional e intimista. Exige um diálogo mais próximo e discreto. Não demonstra uma vocação necessária para o ar livre. Não exige materiais nobres — o mármore, a pedra, o metal. Emprega de preferência a madeira ou plásticos, resinas sintéticas e acrílicos. Um de seus recursos mais freqüentes reside na "assemblage" ou na colagem. Circunscreve, muitas vezes, sua área física de ação, seja por adotar a "box-form", seja por se reportar à bidimensionalidade da pintura, destinando-se ainda à parede, sob o rótulo de "tableau-objet". Permite, enfim, por seu menor custo e maior rapidez de execução, um nível mais acentuado de experimentalismo.

Houve no Brasil, há alguns anos, uma verdadeira febre em torno do objeto. Um concurso de caixas promovido em 1967 pela "Petite Galerie", no Rio, reuniu o número récorde de 52 participantes — muitos deles saídos de outras técnicas, mas temporariamente seduzidos pela novidade. Passada a euforia, e assentado o pó, restaram hoje alguns criadores que o conservam como seu suporte essencial. São, na maior parte, artistas entre 30 e 40 anos, e seus melhores representantes abrangem uma gama de tendências mais ampla que os do campo escultórico. Há, por um lado, os de linha construtiva — como João Carlos Galvão e Ascânio MMM —, e os líricos de fundamento geométrico — como Gastão Manoel Henrique e Osmar Dillon. Há, por outro lado, os que procuram um certo "clima", através da aglutinação de elementos figurativos, e se conservam num plano que vai do expressionista ao surreal — como Farnese de Andrade e Avatar Morais. Há, finalmente, os que recorrem ao objeto para um trabalho experimental — como Nelson Leirner, Montez Magno, Raimundo Collares, Sérgio Augusto Porto. E essa relação de nomes demonstra, creio eu, que ainda existe, na área, uma vasta produção de interesse.

Tais eram, a meu ver, os dados fundamentais que cabia no momento suscitar, quanto à realidade brasileira da escultura e do objeto. Vejamos agora em que medida a extensiva exemplificação levantada pelo "Panorama" de 1975 os confirma e mantém. Ou que novos aportes fornece, para um quadro mais justo e exato. É ver para aferir.

São Paulo, novembro de 1975
OLIVIO TAVARES DE ARAÚJO

ESCULTURA

Nota: As medidas estão expressas em centímetros. Um só número indica a altura.

ABELARDO DA HORA

Pernambuco, 1924

Residência: Recife, PE

1. Flagelo, 1975. Cimento armado, 170



Flagelo

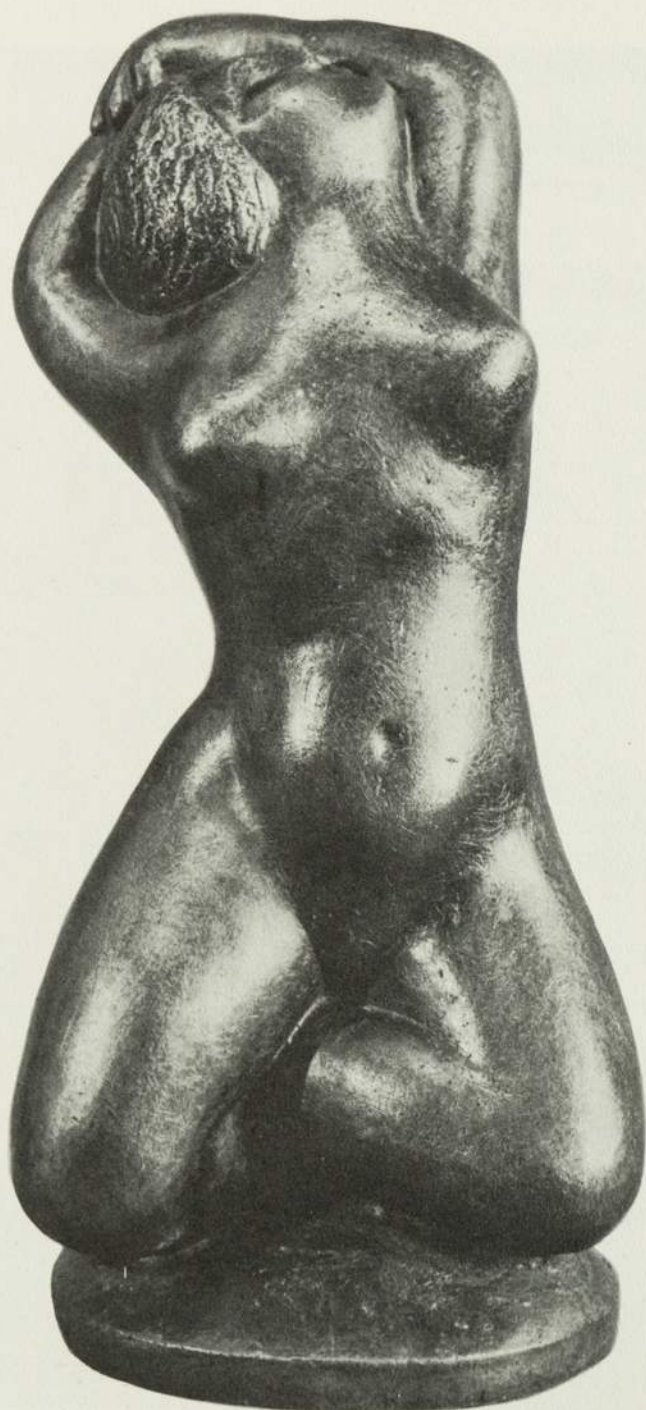
ALFREDO CESCHIATTI

Minas Gerais, 1918

Residência: Rio de Janeiro, RJ

Não concorre a prêmio

1. Cavalo, 1974. Bronze, 63
2. Sant'Anna, 1962. Duralumínio, 112
3. Vênus, 1942. Bronze, 33



Vênus

AMELIA TOLEDO

São Paulo, 1926

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Interferência para Calçada, 1975. Concreto armado, 5 placas de 120 x 60
2. Parede . . . , 1975. Gesso, 200 x 200 x 30
3. Retrato de Menina, 1975. Gesso, relevo, 45 x 40



Interferência para Calçada

ASTRID HERMANN

Rio Grande do Sul, 1936

Residência: Porto Alegre, RS

1. Em Voo, 1975. Resina poliéster, fibra de vidro, arame, alumínio polido; 50
2. Expectativa, 1975. Resina poliéster, fibra de vidro, arame, alumínio polido; 40
3. Fada Marinha, 1975. Resina poliéster, fibra de vidro, arame, aço inoxidável; 100



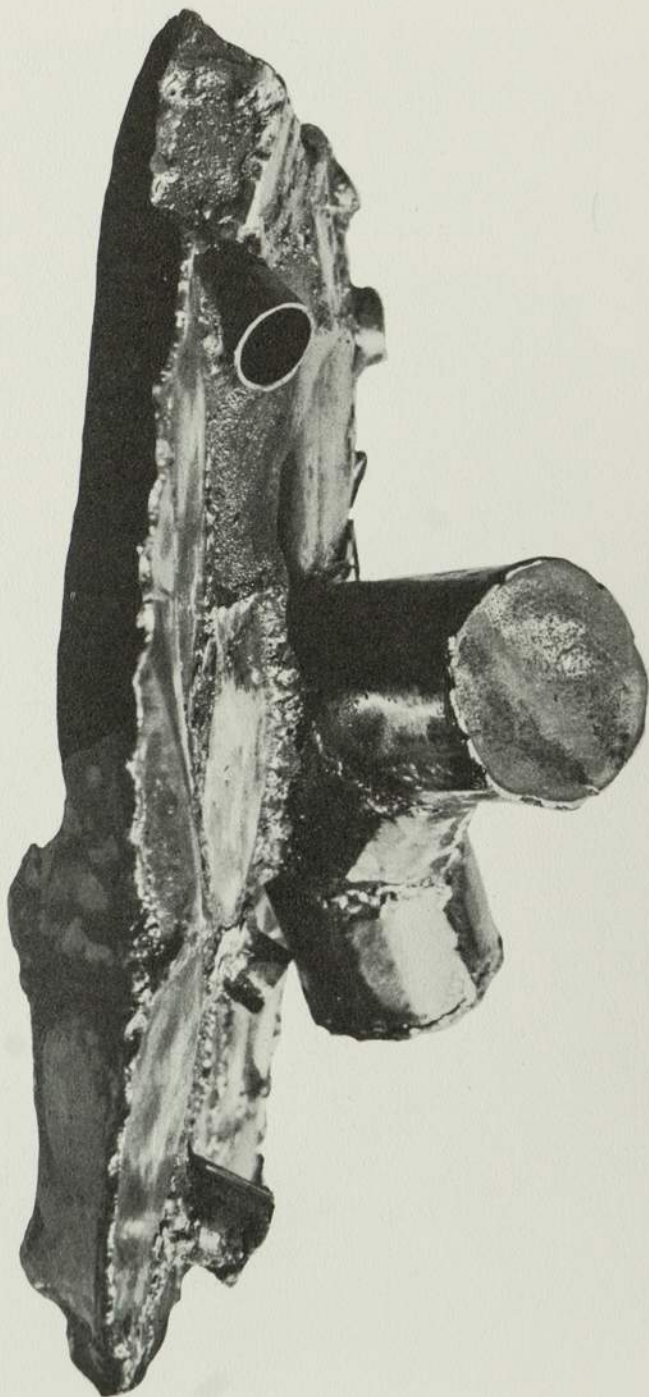
Em Voo

CACIPORÉ TORRES

São Paulo, 1932

Residência: São Paulo, SP

1. Escultura 1, 1975. Aço inox, 110 x 200
2. Escultura 2, 1975. Aço inox, 90 x 140
3. Escultura 3, 1975. Aço inox, 150 x 60



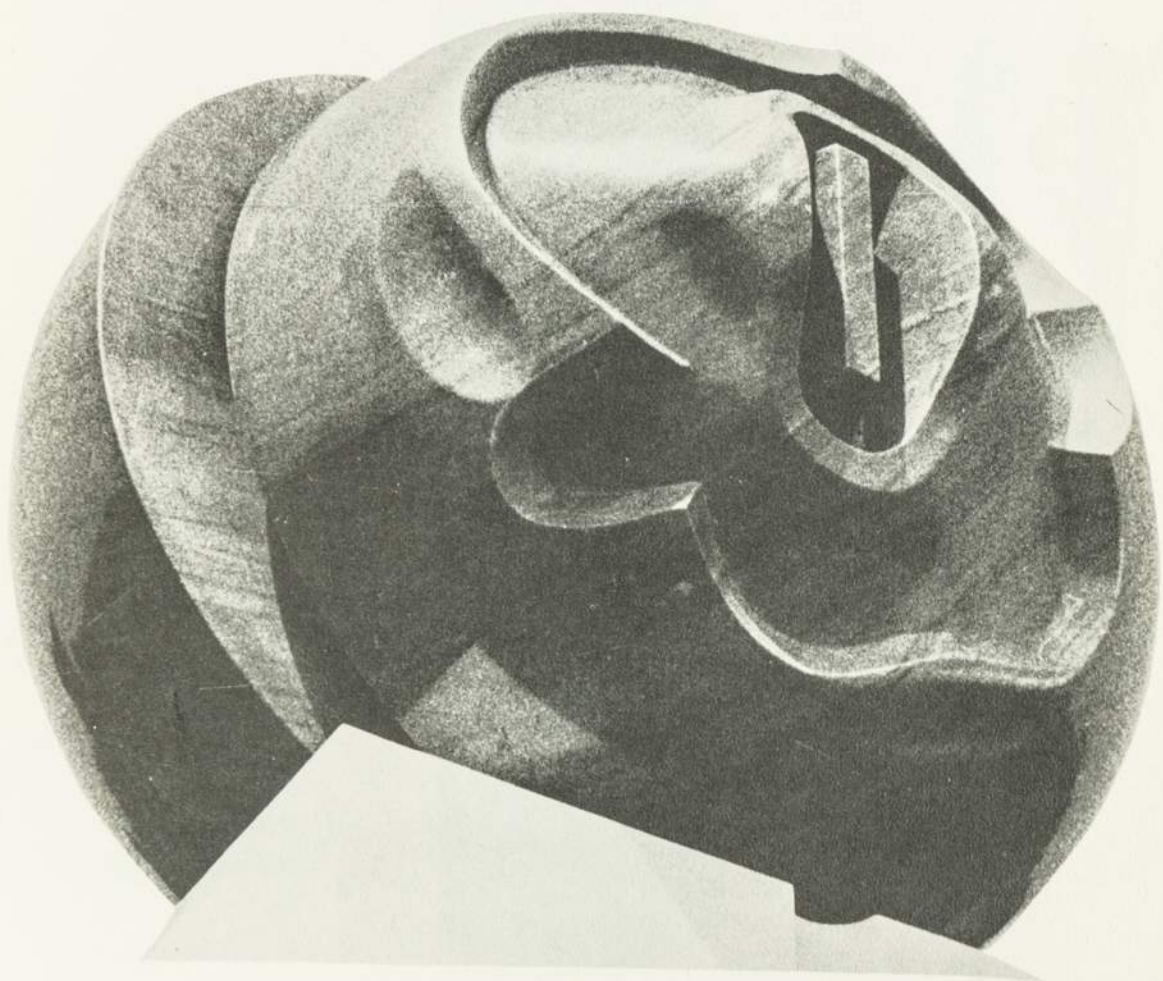
Escultura 1

CALABRONE

Itália, 1928

Residência: São Paulo, SP

1. Logradouro Totêmico, 1975. Granito e pedra, 300
2. Totem Tiahuanaco II, 1975. Aço inox e pedra, 220
3. Totem X, 1975. Aço inox e pedra, 190



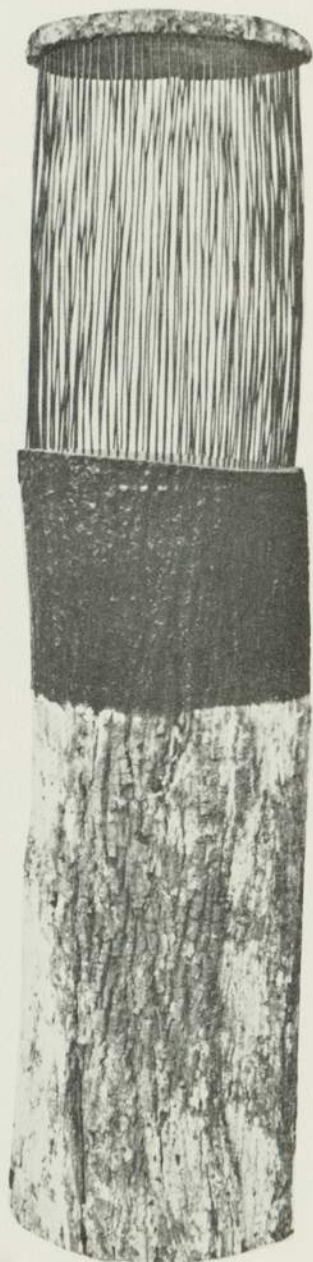
Logradouro Totêmico

CARMEN BARDY

Rio de Janeiro, 1934

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Estratégia Vegetal, 1975. Madeira e fios de cobre, 130
2. Estratégia Vegetal, 1975. Madeira e fios de cobre, 160
3. Estratégia Vegetal, 1975. Madeira e fios de cobre, 180



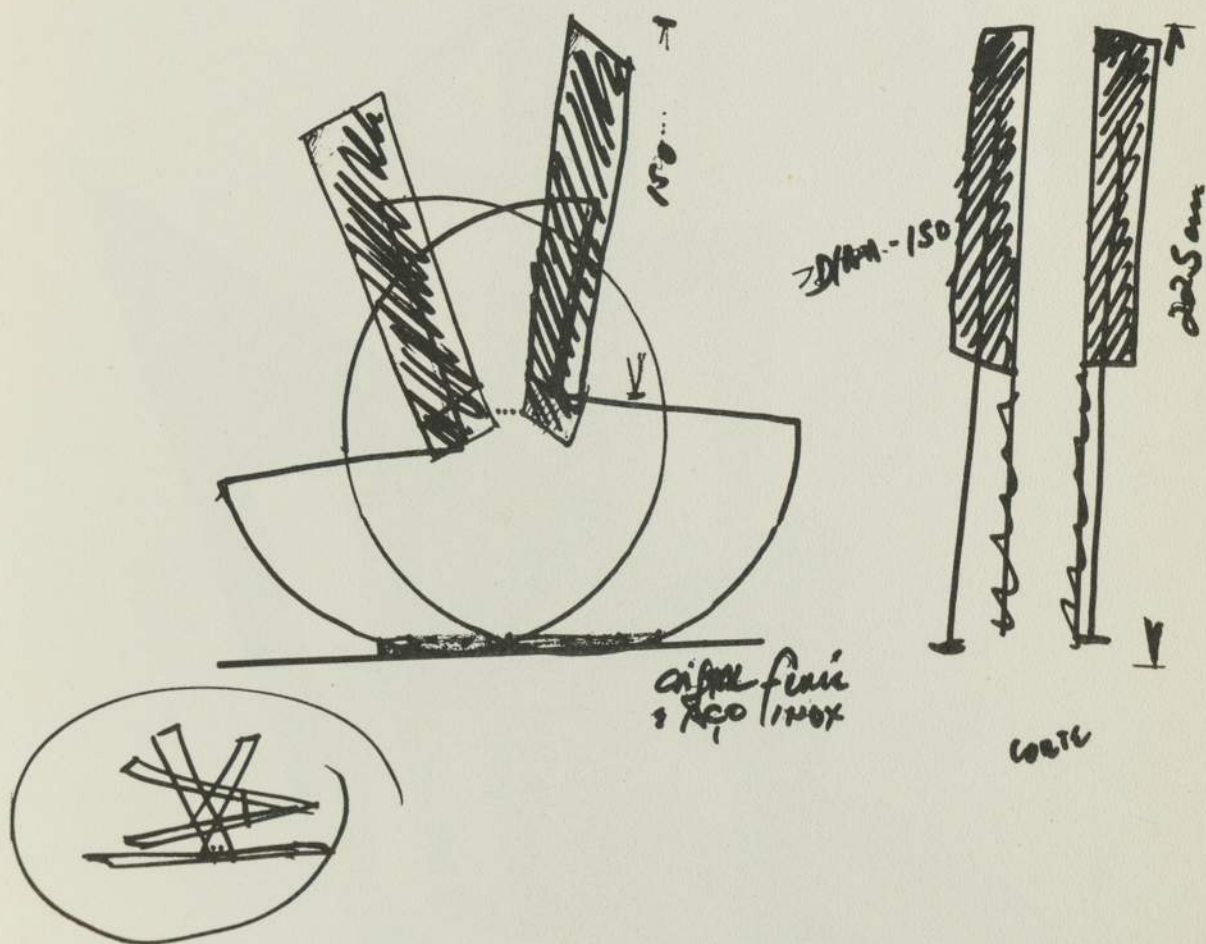
Estratégia Vegetal

CLEBER MACHADO

Rio Grande do Sul, 1937

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Construção Espacial I, 1975. Cristal, aço; 200 x 100
2. Construção Espacial II, 1975. Cristal, aço; 300 x 100
3. Construção Espacial III, 1975. Cristal, aço; 400 x 100



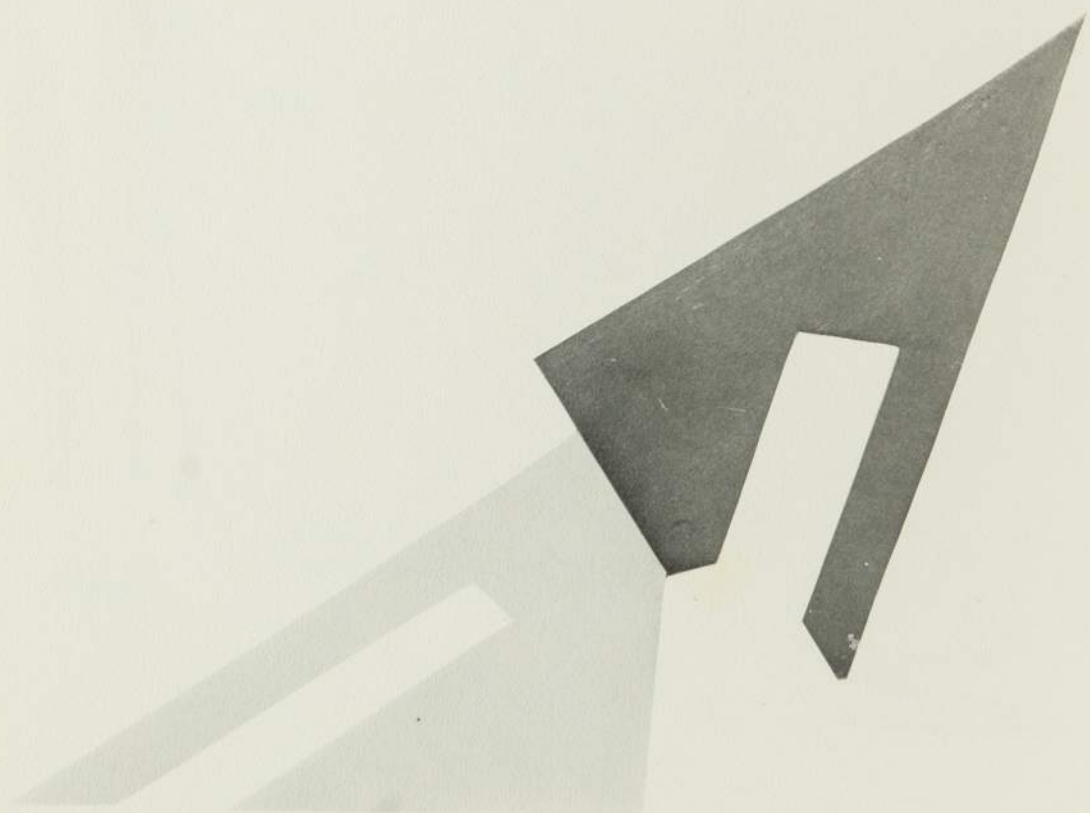
Construção Espacial II

CLELIA COTRIM

Rio de Janeiro, 1921

Residência: São Paulo, SP

1. Estrutura Modular I, 1975. Ferro, 35
2. Estrutura Modular II, 1975. Ferro, 110
3. Estrutura Modular IV, 1975. Ferro, 100



Estrutura Modular II

CORBINIANO LINS

Pernambuco, 1924

Residência: Recife, PE

1. Está Chuviscando, 1975. Metal fundido, 75
2. Mulher e Criança, 1975. Metal fundido, 50
3. Um Ato, um Sacrifício, 1975. Metal fundido, 130



Está Chuviscando

EBLING

Rio Grande do Sul, 1926

Residência: Rio de Janeiro, RJ

Não concorre a prêmio

1. Equus, 1975. Bronze, 50 x 55 x 25
2. Janaina, 1958. Bronze, 65 x 28 x 20
3. Sofia, 1951. Bronze, 55 x 22 x 11



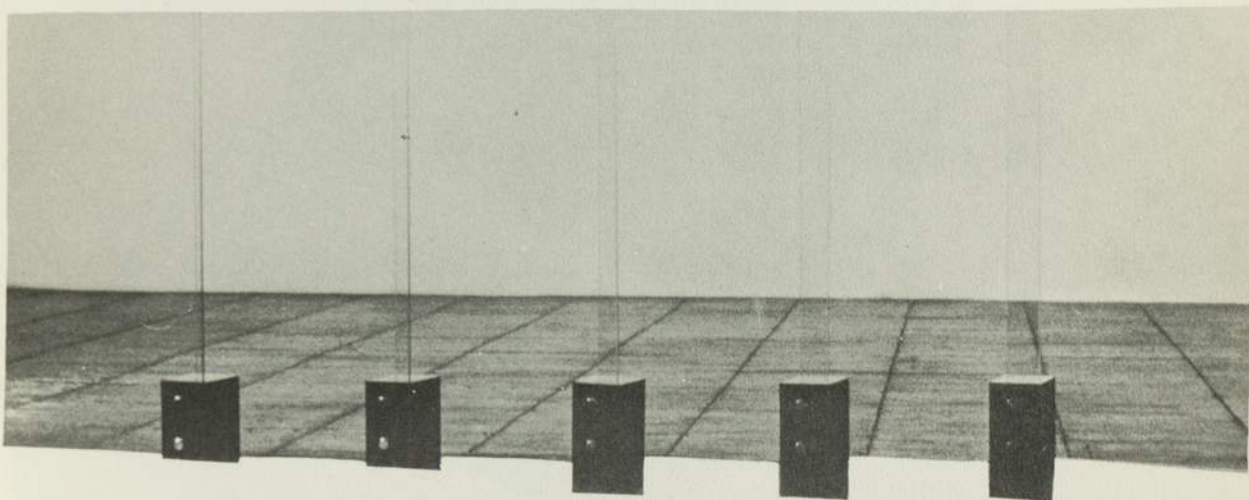
Equus

EDO ROCHA

São Paulo, 1949

Residência: São Paulo, SP

1. A Nós, a Voz, o Canto, 1973. Granito de Ubatuba e cristal temperado, 230
2. O Dragão, 1973. Granito de Ubatuba e cristal temperado, 305
3. O Por Vir, 1973. Granito de Ubatuba e cristal temperado, 230



O Dragão

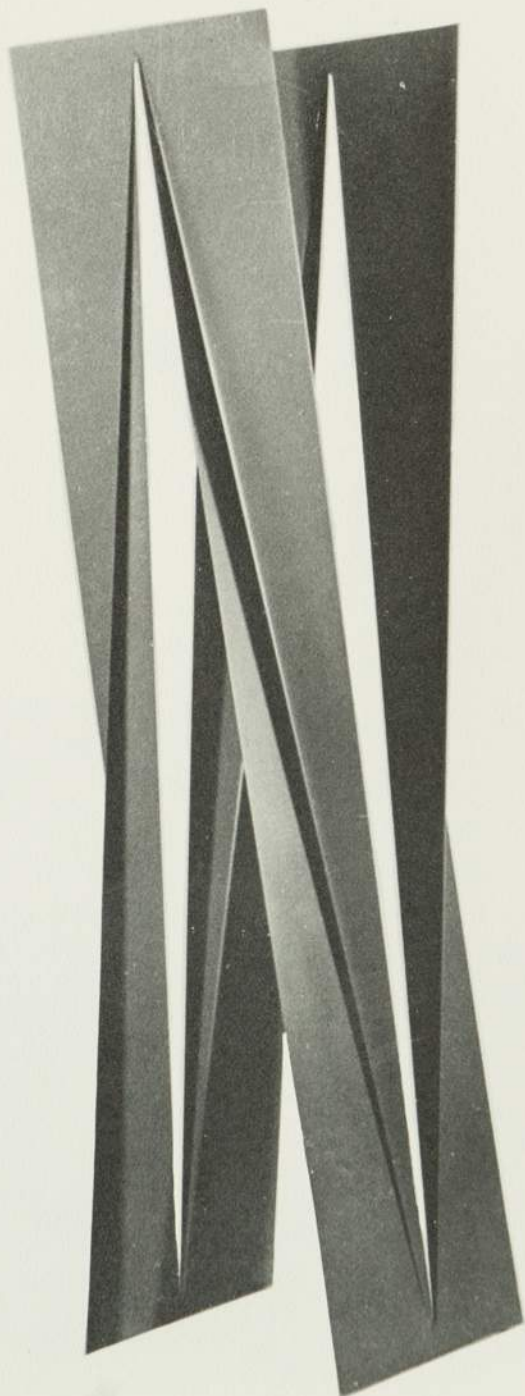
FRANZ WEISSMANN

Brasileiro naturalizado. Áustria, 1914

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Coluna em Diagonais, 1975. Aço pintado, 250
2. Relevo Horizontal, 1975. Duralumínio pintado, 200
3. Torre Essencialista, 1975. Aço pintado, 250

**PRÊMIO MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO
ESCULTURA, 1975**



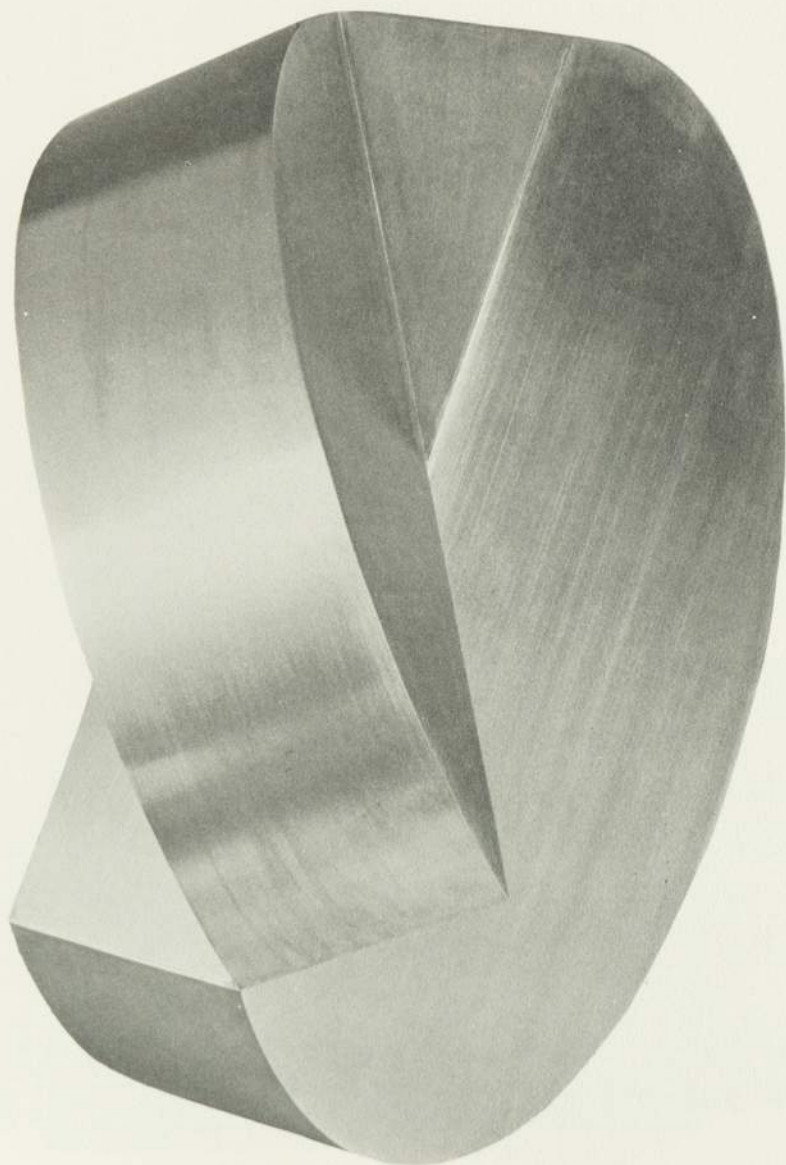
Coluna em Diagonais

HAROLDO BARROSO

Ceará, 1935

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Variação Circular, 1975. Aço inoxidável, diâmetro: 20
2. Variação Circular, 1975. Aço inoxidável, diâmetro: 70
3. Variação Circular Multiplicável, 1975. Alumínio anodizado, diâmetro: 20



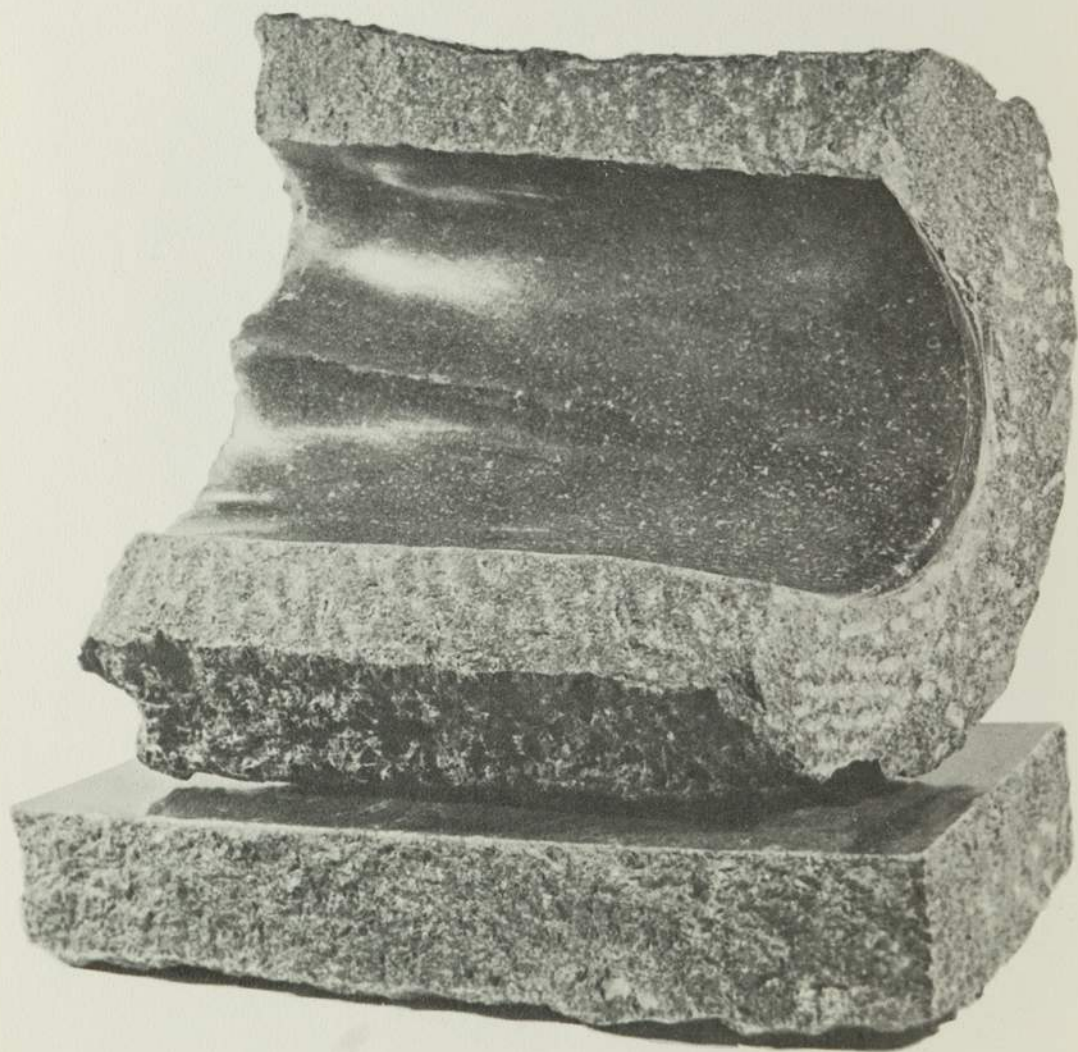
Variação Circular

HISAO OHARA

Japão, 1932

Residência: São Paulo, SP

1. As Ondas, I; 1975. Granito, 60
2. As Ondas, II; 1975. Granito, 60
3. As Ondas, III; 1975. Granito, 70



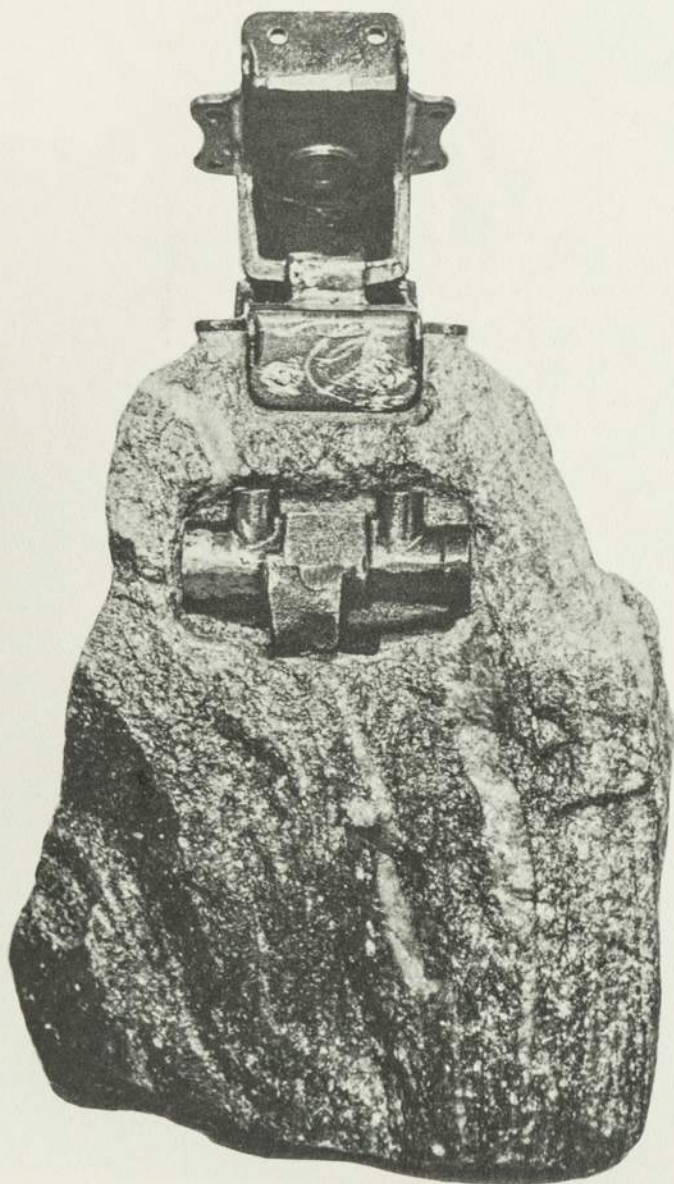
As Ondas, I

JACKSON RIBEIRO

Paraíba, 1928

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Escultura, 1975. Ferro soldado, 113
2. Jabre, Elementar 13; 1975. Granito e ferro soldado, 99
3. Tendó, Elementar 7; 1975. Granito e ferro soldado, 85



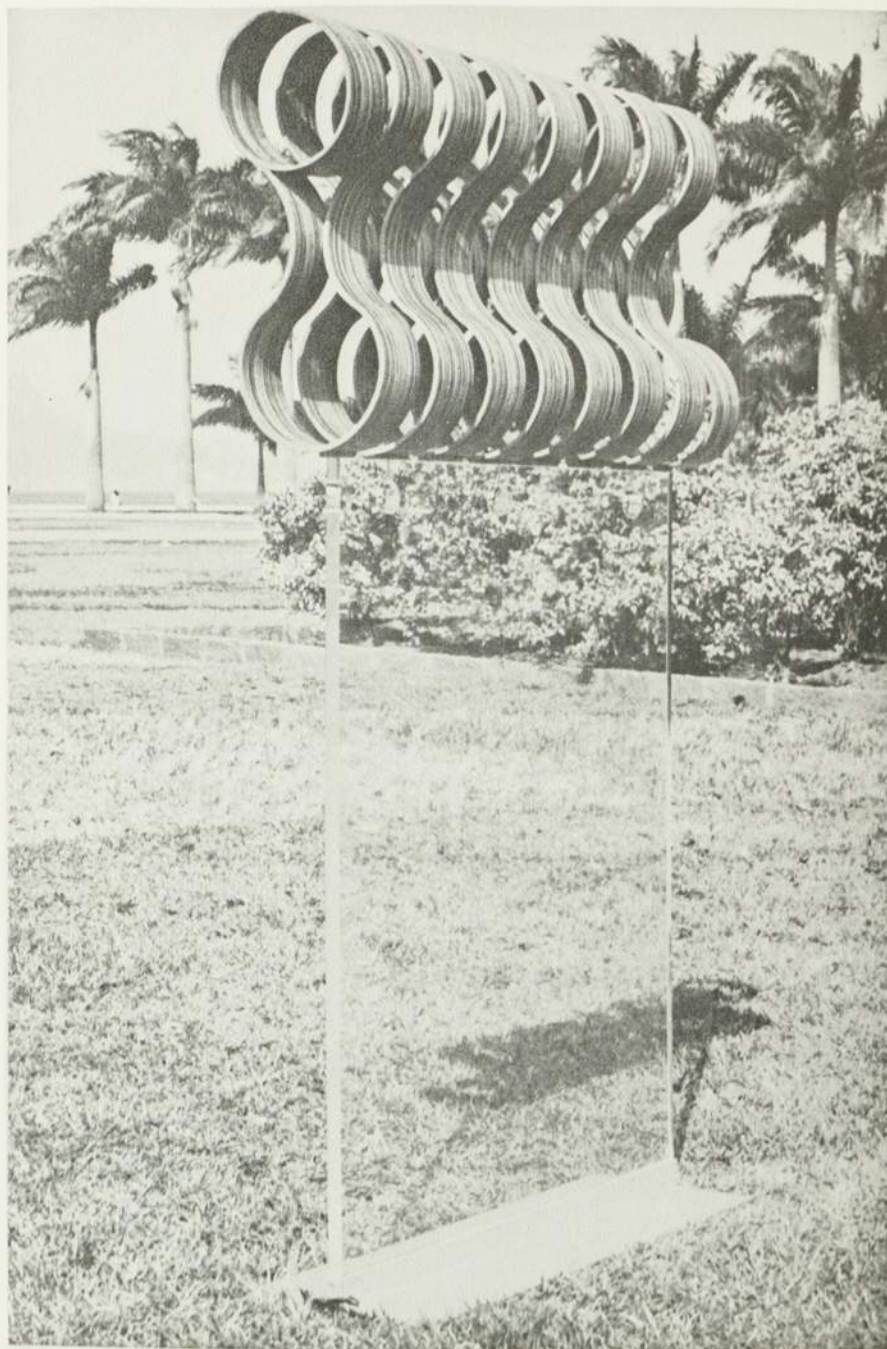
Jabre, Elementar 13

JOAQUIM TENREIRO

Portugal, 1906

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Coluna, 1975. Alumínio, 270
2. Composição: "Jacarandá-Oleo Vermelho", 1974. Madeira, 73
3. Fita-Larga "Suspensa", 1974. Laminado industrial, 110



Fita-Larga "Suspensa"

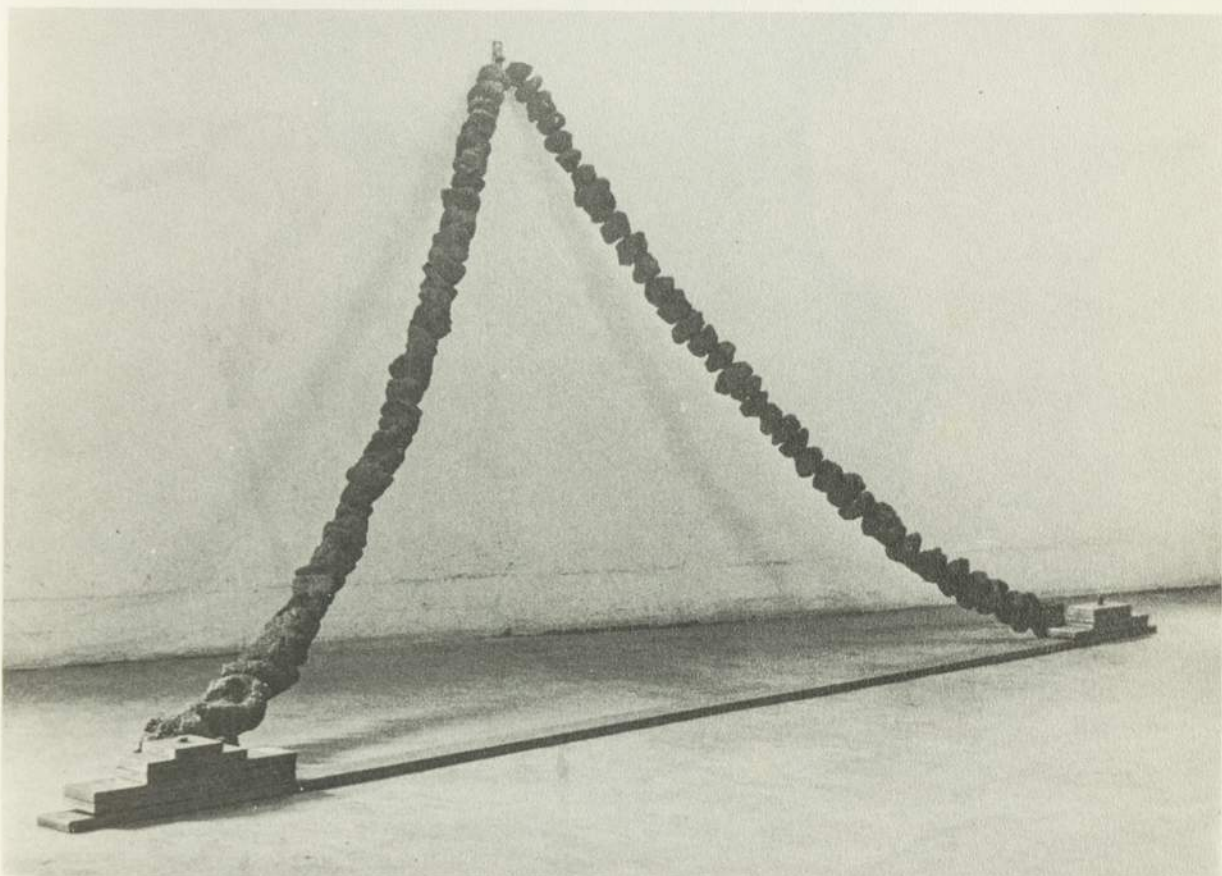
JOSÉ RESENDE

São Paulo, 1945

Residência: São Paulo, SP

1. S/título, 1975. Pedra, borracha, alumínio, ferro:
120 x 200 x 0,5
2. S/título, 1975. Pedra, alumínio, ferro; 170 x 170 x 13
3. Série "Tacape-Tinhorão", 1975. Ferro, coque, cabo de
aço; 335 x 140 x 75

**PRÊMIO-ESTÍMULO CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
ESCULTURA, 1975**



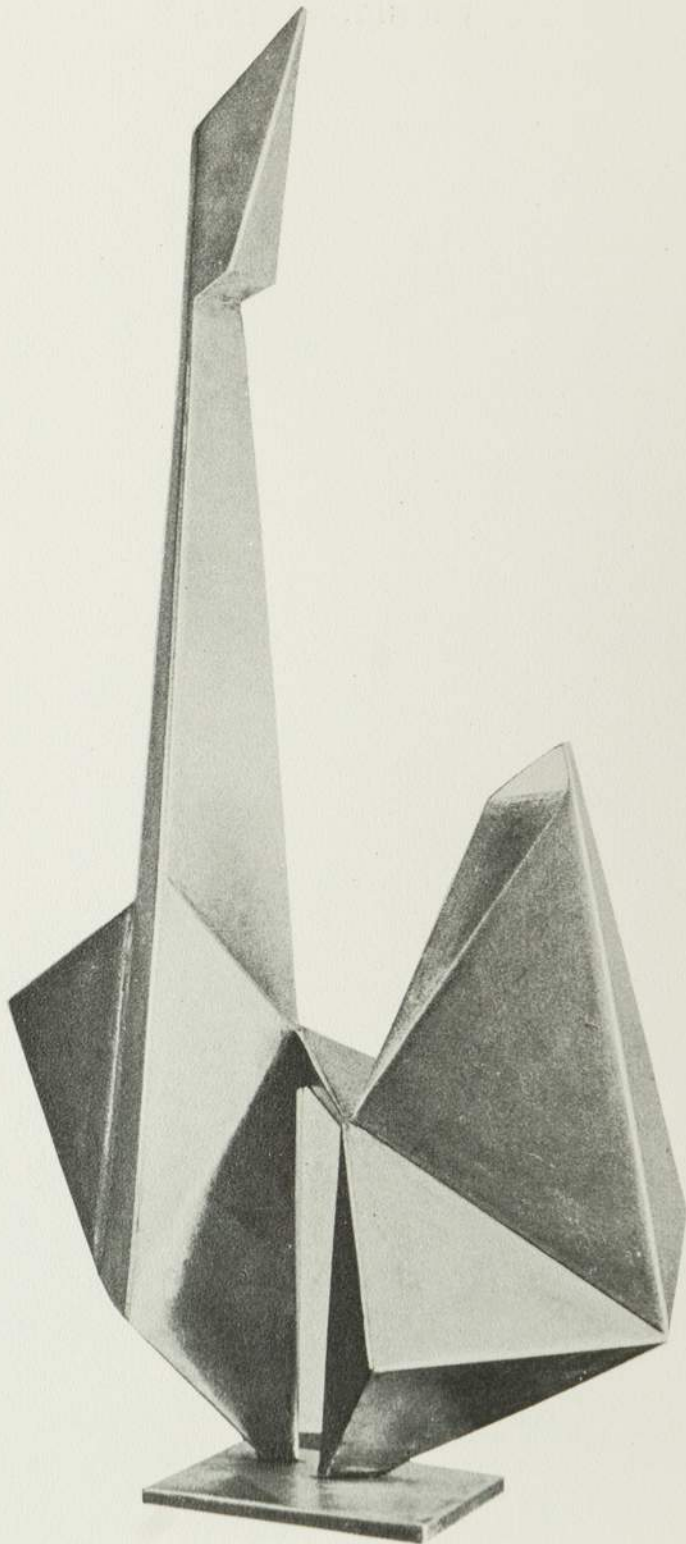
Série "Tacape-Tinhorão"

KAROLY PICHLER

Hungria, 1916

Residência: São Paulo, SP

1. Cantata, 1975. Aço inoxidável, 110
2. Movimento no Espaço, 1974. Aço inoxidável, 260
3. Pássaro, 1975. Aço inoxidável, 140



Pássaro

LIUBA

Bulgária, 1923

Residência: São Paulo. França.

1. Composição Horizontal, 1974. Bronze, 40
2. Figura, 1974. Bronze, 60
3. Tricórnio, 1973. Bronze, 150



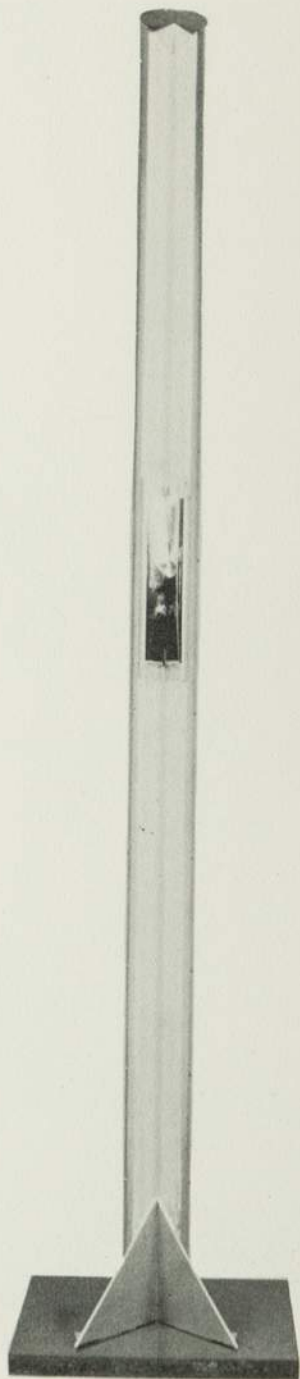
Tricórnio

LIZÁRRAGA

Argentina, 1924

Residência: São Paulo, SP

1. Medo I, 1975. Materiais vários, 190
2. Medo II, 1975. Materiais vários, 190
3. Medo III, 1975. Materiais vários, 190



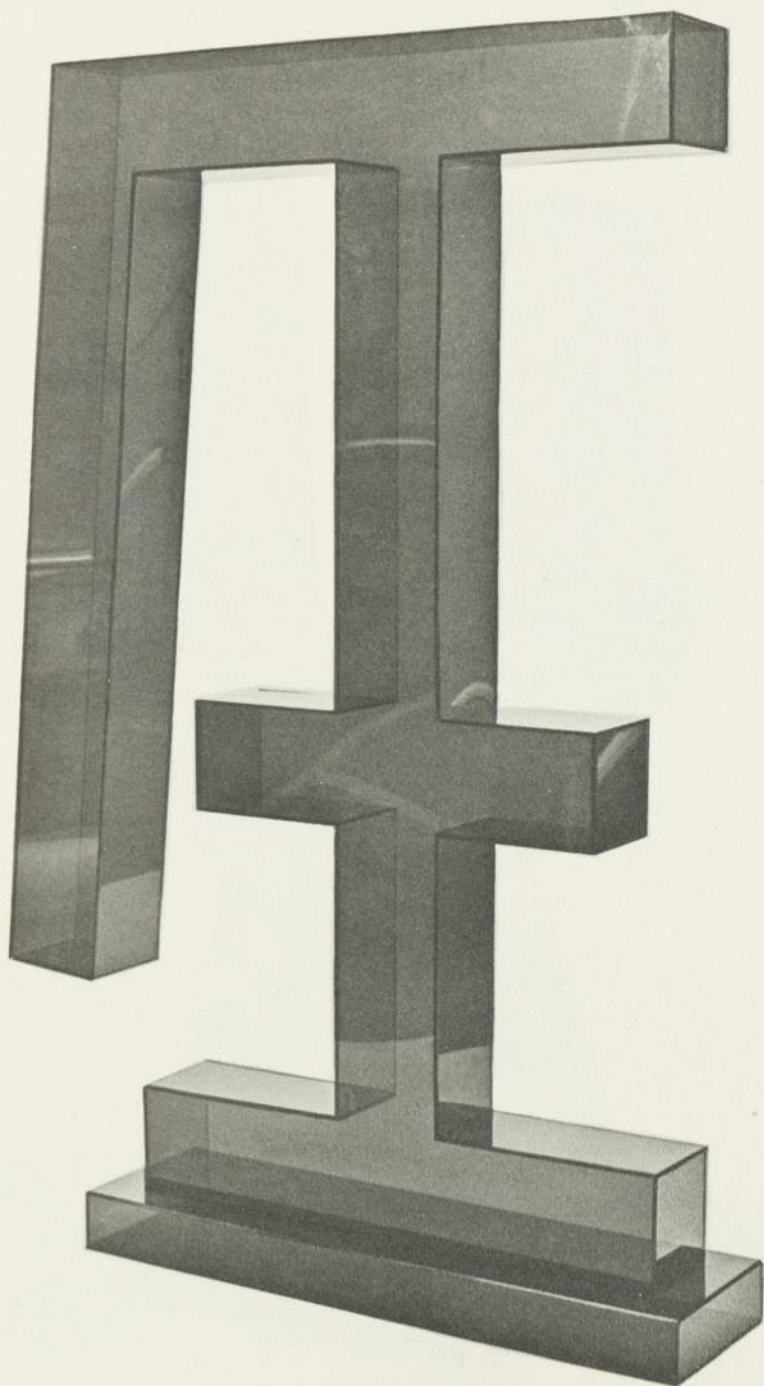
Medo I

LOURDES CEDRAN

São Paulo, 1930

Residência: São Paulo, SP

1. Ideograma Vermelho 1, 1975. Acrílico, 100
2. Ideograma Fumê 2, 1975. Acrílico, 104
3. Ideograma Vermelho 3, 1975. Acrílico, 100



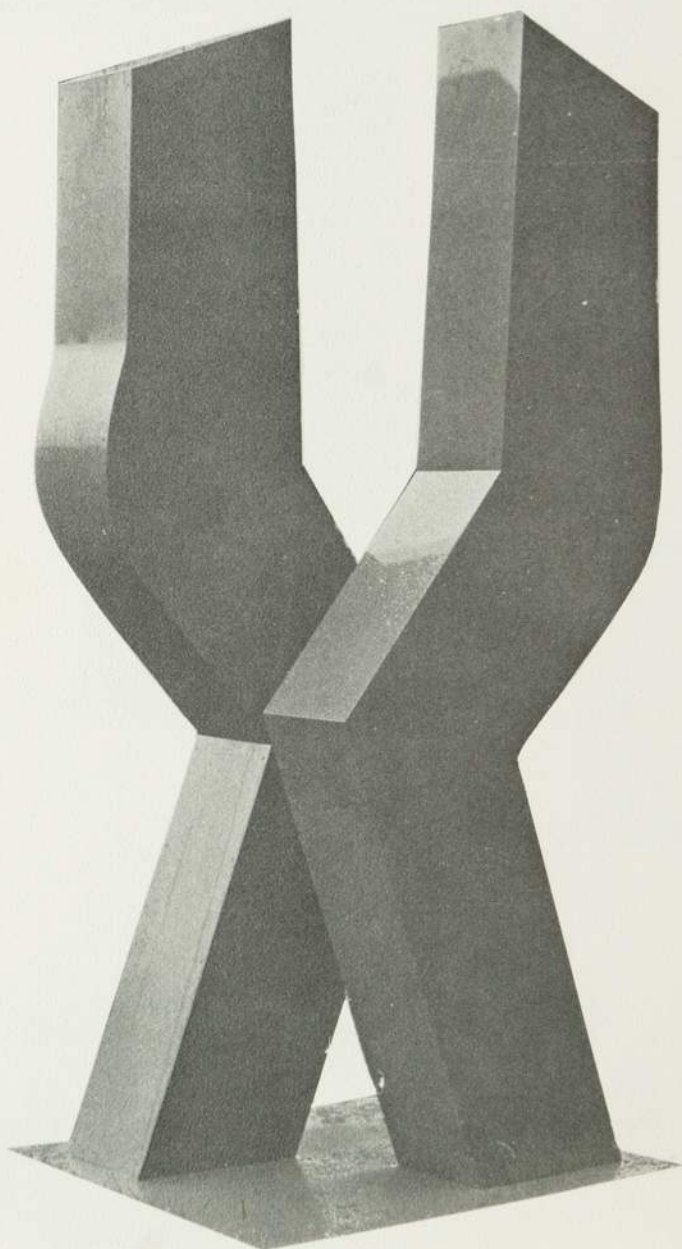
Ideograma Fumê 2

LUCIA FLEURY

São Paulo, 1933

Residência: São Paulo, SP

1. Escultura A, 1975. Alumínio, 140 x 260
2. Escultura B, 1975. Alumínio, 100 x 260
3. Escultura C, 1975. Alumínio, 220 x 230



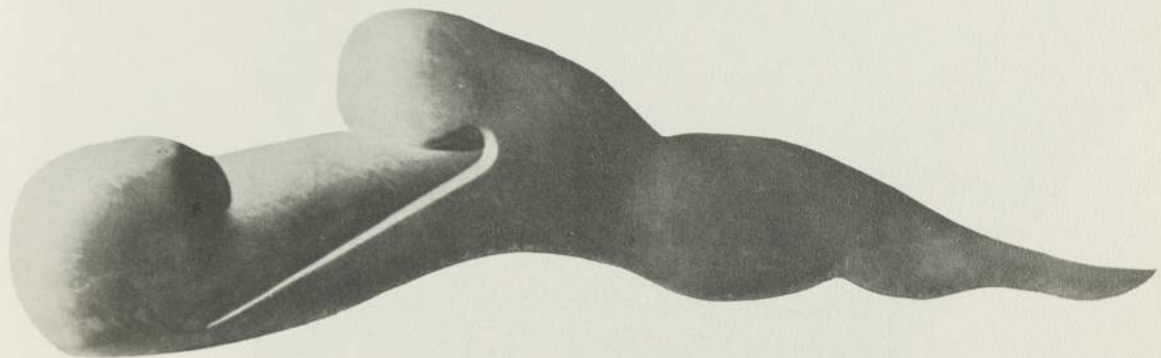
Escultura A

MARIA GUILHERMINA

Minas Gerais, 1932

Residência: Goiânia, GO

1. Invasão de corpos I, 1975. Pedra esteatita, comp.: 232
2. Germinação Vegetal (Fava), 1975. Pedra esteatita, comp.. 123
3. Geração Intemporal, 1975. Pedra esteatita, 146



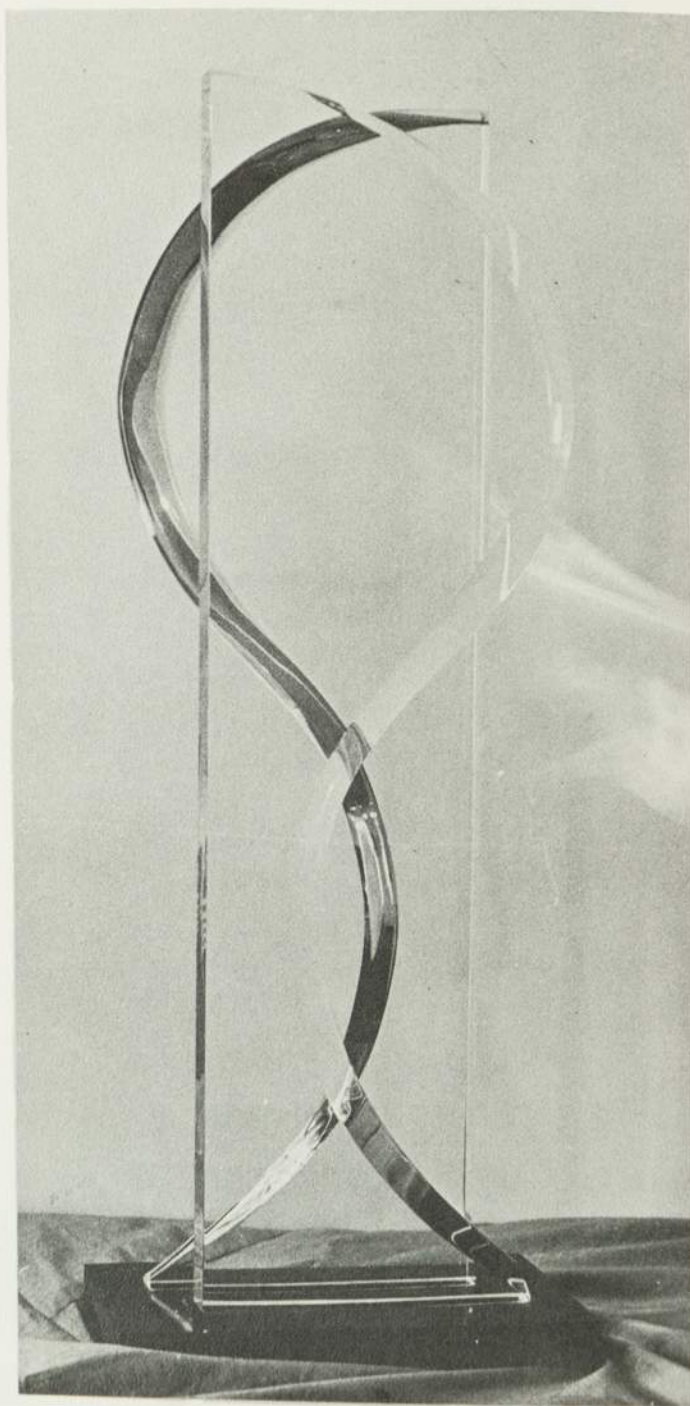
Invasão de corpos I

MARILIA KRANZ

Rio de Janeiro, 1937

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Contra-Forma 1, 1975. Acrílico cortado e polido, 28 x 15
2. Contra-Forma 2, 1975. Acrílico cortado e polido, 23 x 13
3. Contra-Forma 3, 1975. Acrílico cortado e polido, 23 x 13



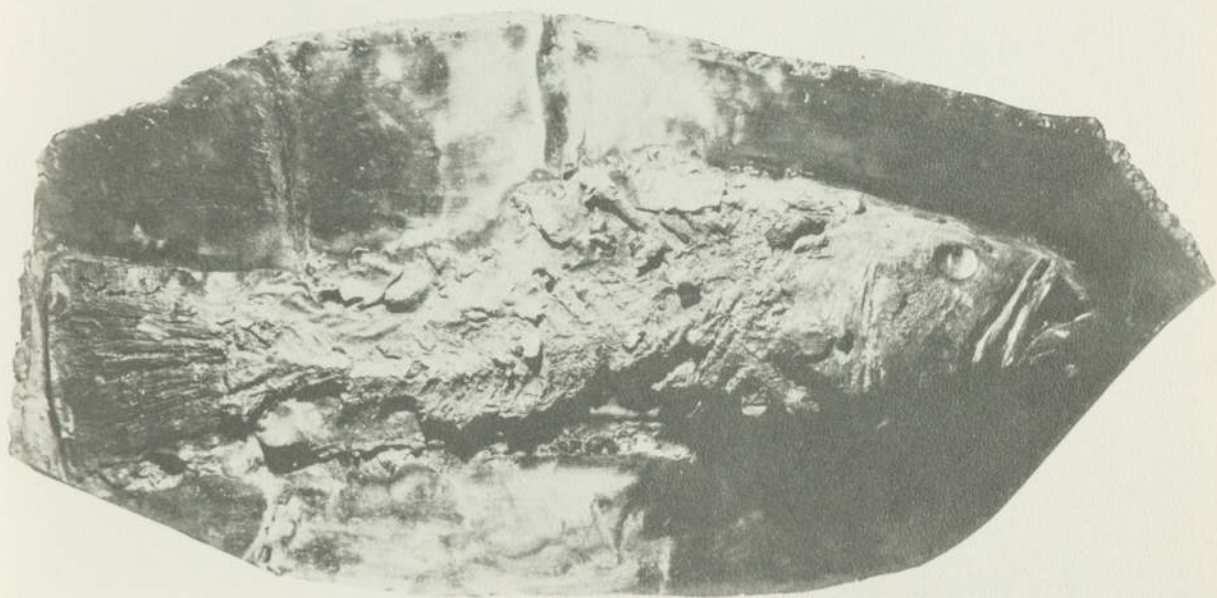
Contra-Forma 1

MARIO AGOSTINELLI

Peru, 1924

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Cabeça de Cangaceiro, 1974. Bronze, 60
2. O Sol e a Terra, 1974. Bronze, 85
3. Peixe Petrificado, 1974. Bronze, 50



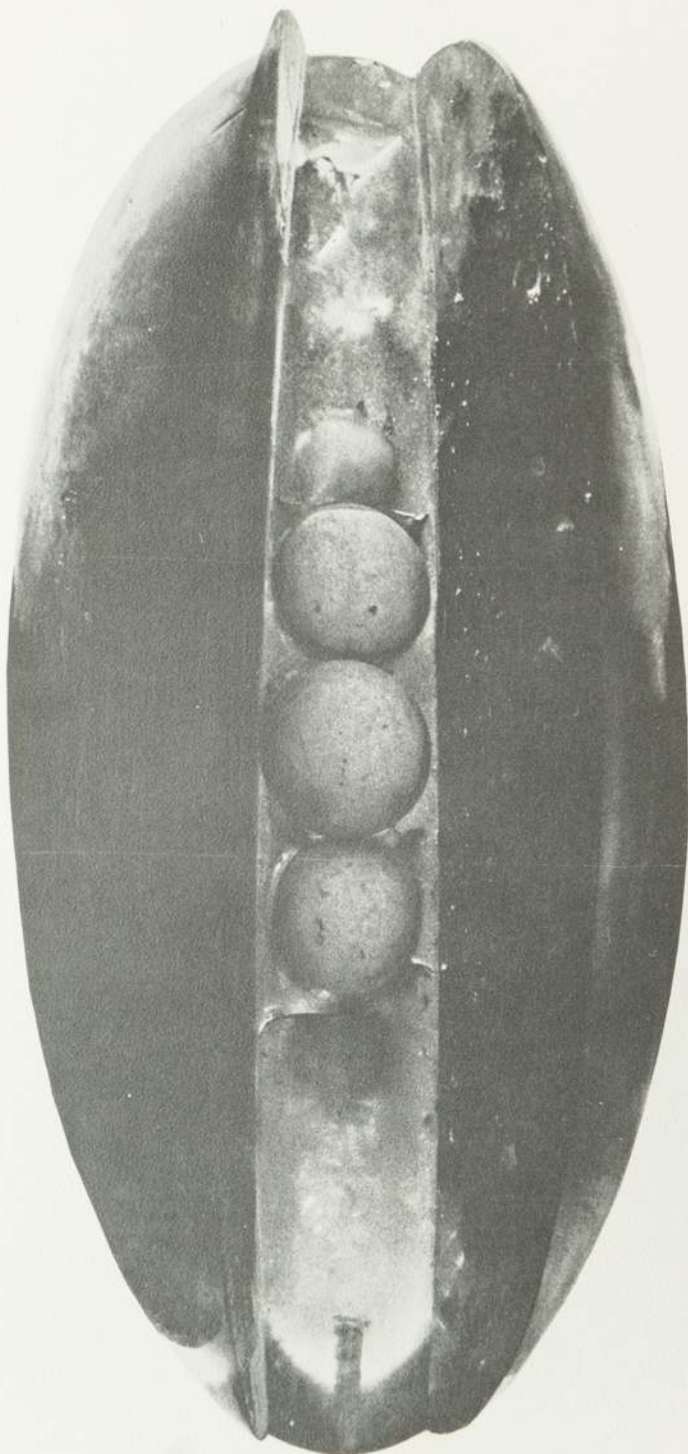
Peixe Petrificado

MARIO CRAVO JR.

Bahia, 1923

Residência: Salvador, BA

1. Germinação I, 1975. Resina poliéster pigmentada, 70
2. Germinação II, 1975. Resina poliéster, 65
3. Germinação III, 1975. Resina poliéster pigmentada, 55



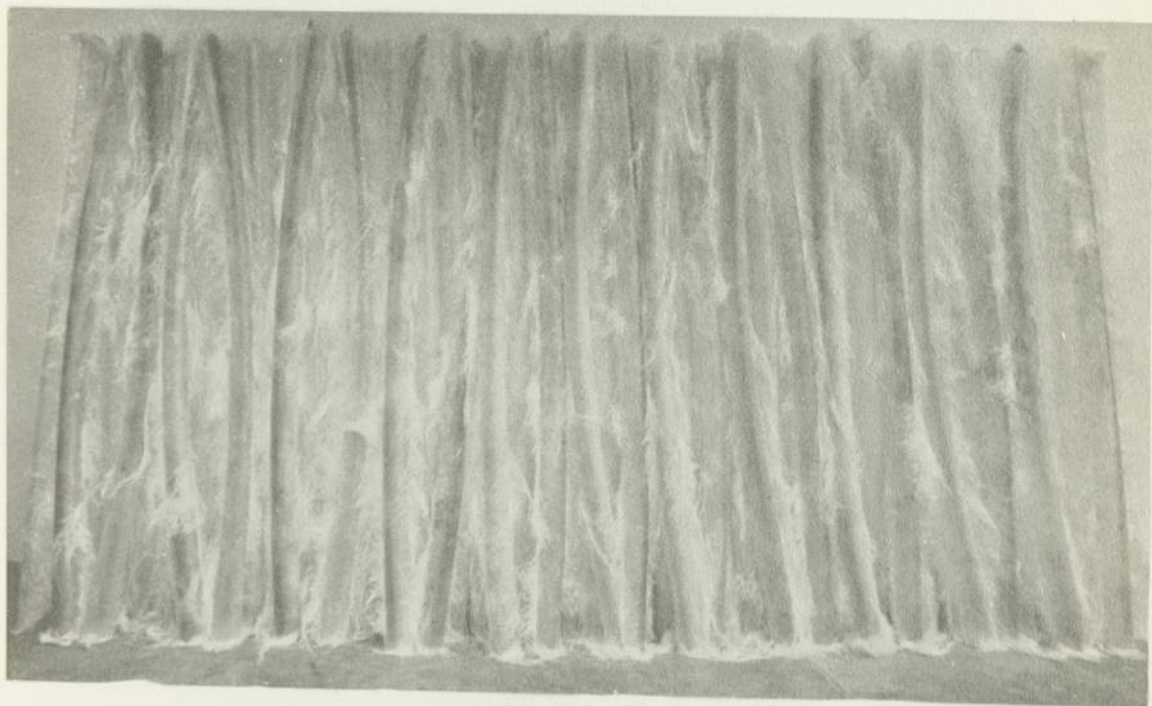
Germinação I

MARIO CRAVO NETO

Bahia, 1947

Residência: Salvador, BA

1. Sem Título, 1974. Resina poliéster e fiber glass, 350
2. Sem Título, 1974. Resina poliéster e fiber glass, 350
3. Sem Título, 1975. Resina poliéster e fiber glass, 300



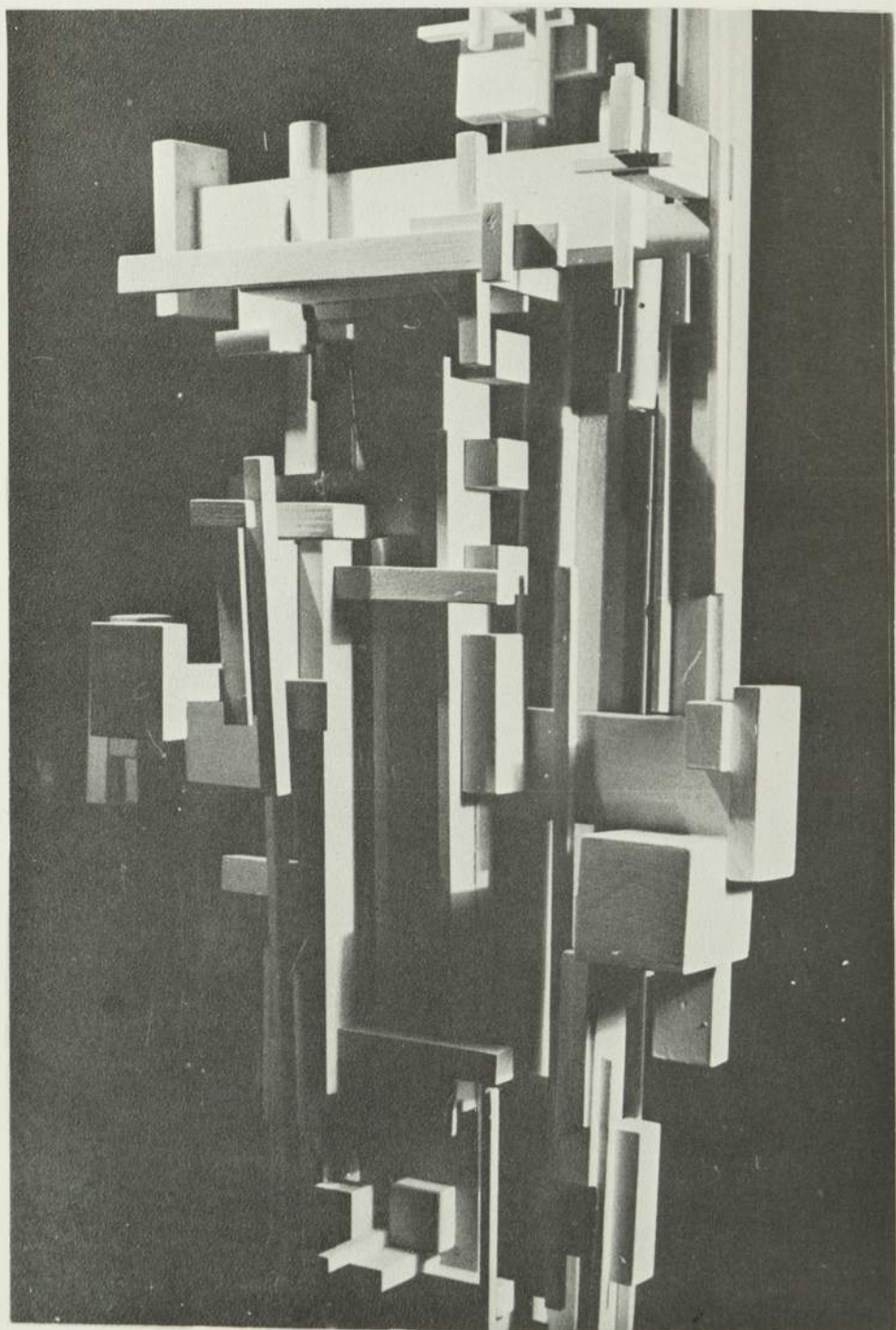
Sem Título

MARIO ORMEZZANO

Brasileiro naturalizado. Argentina, 1915

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Volumes Metafísicos, 1975. Madeira, 220
2. Volumes Metafísicos, 1975. Madeira, 220
3. Volumes Metafísicos, 1975. Madeira, 220



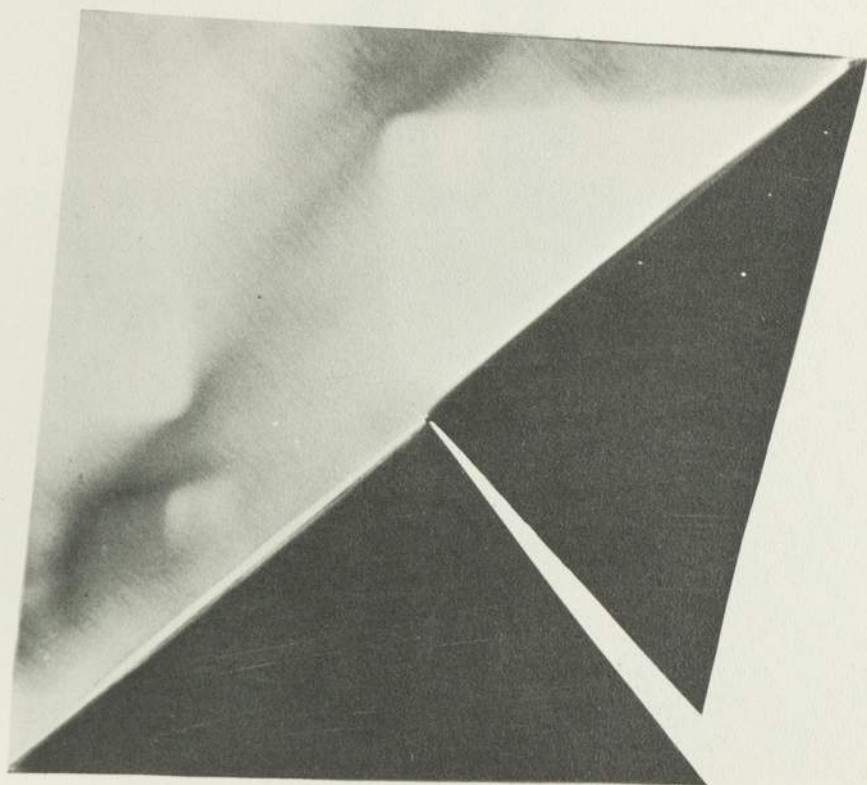
Volumes Metafísicos

MARI YOSHIMOTO

São Paulo, 1931

Residência: São Paulo, SP

1. Escultura I, 1975. Aço inox, 65 x 65
2. Escultura II, 1975. Aço inox, 100 x 80
3. Escultura III, 1975. Aço inox, 75 x 75

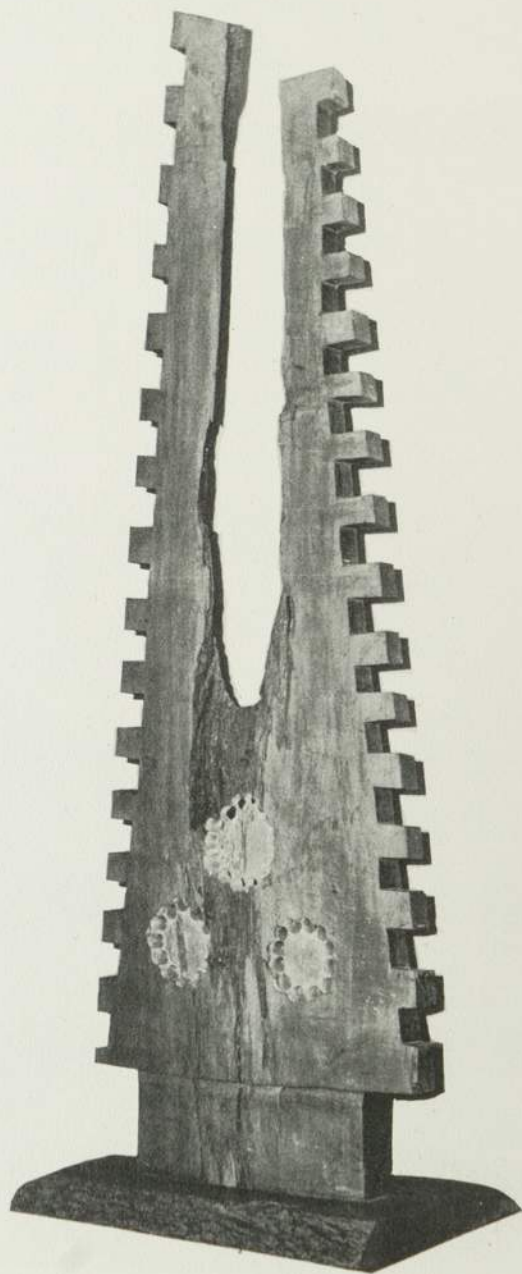


Escultura III

MASUMI TSUCHIMOTO

Brasileiro naturalizado. Japão, 1934
Residência: São Paulo, SP

1. Obra A, 1969. Madeira, 320



Obra A

MAURICIO SALGUEIRO

Espírito Santo, 1930

Residência: Rio de Janeiro RJ

1. Hidrante (Série Vasamentos), 1975. Escultura mecanizada, 100 x 100 x 100
2. Pia Entupida (Série Vasamentos), 1974. Escultura mecanizada, 100 x 120 x 60



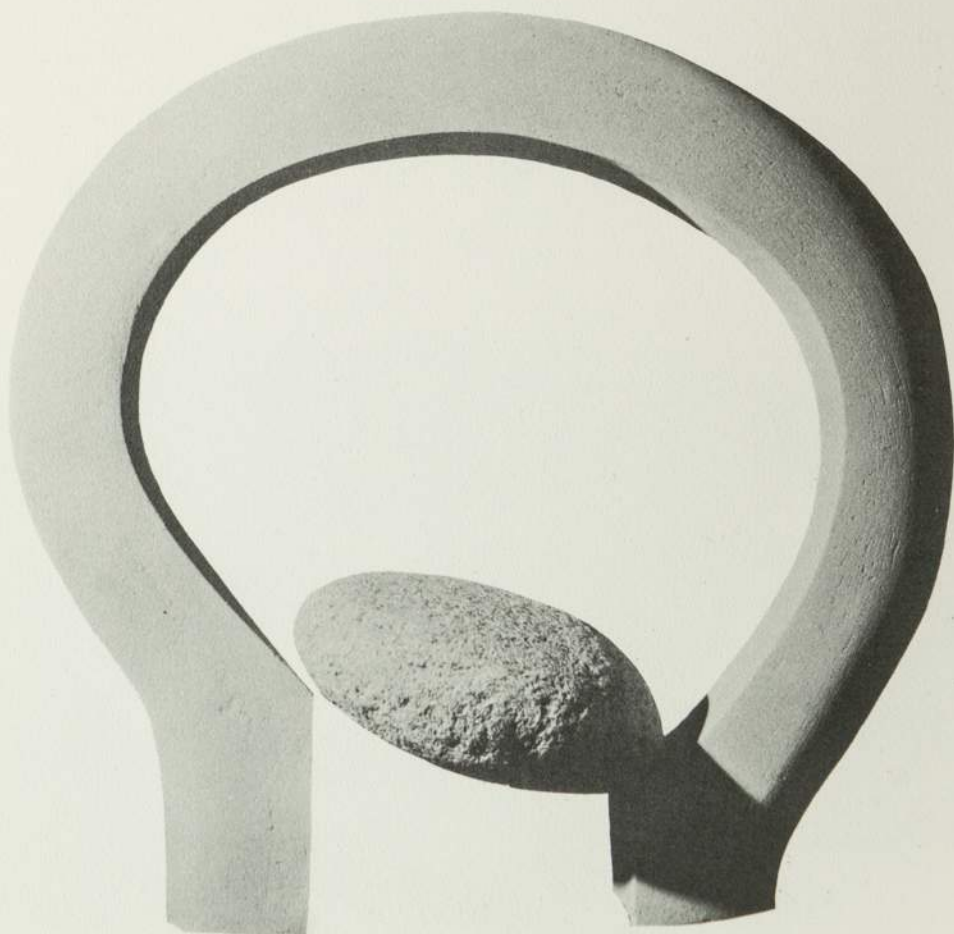
Pia Entupida (Série Vasamentos)

MEGUMI YUASA

São Paulo, 1938

Residência: São Paulo, SP

1. Cactus, 1975. Cerâmica, 50 x 285 x 50
2. Semente, 1975. Cerâmica, 80 x 70 x 30
3. S/Título, 1975. Cerâmica, 120 x 180 x 45



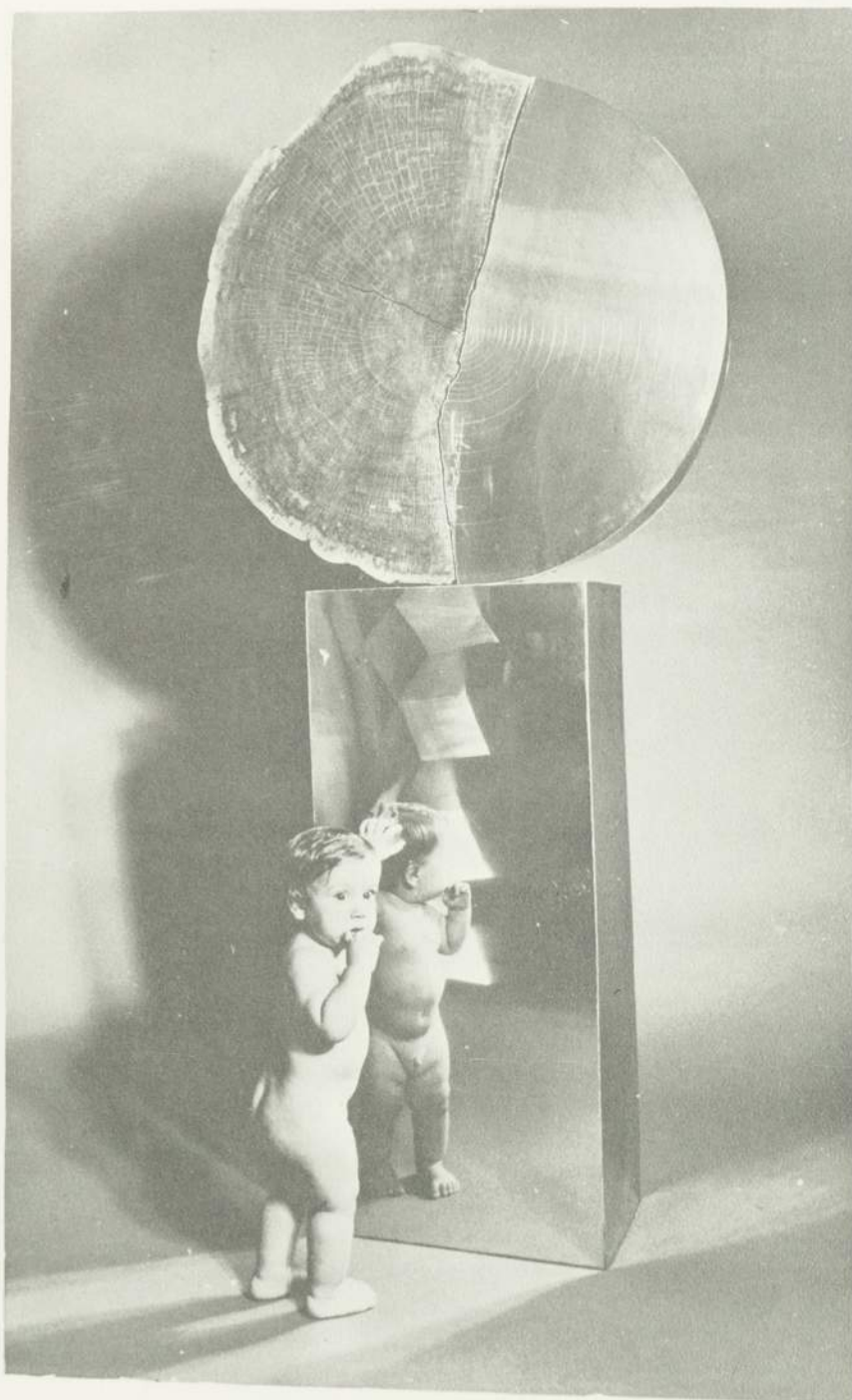
Semente

MORICONI

Itália, 1932

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Circunferência Torcida, 1974. Aço, 220
2. Cubo Suspenso, 1975. Aço escovado, 190
3. Intervenção na Árvore, 1974. Madeira e aço, 200



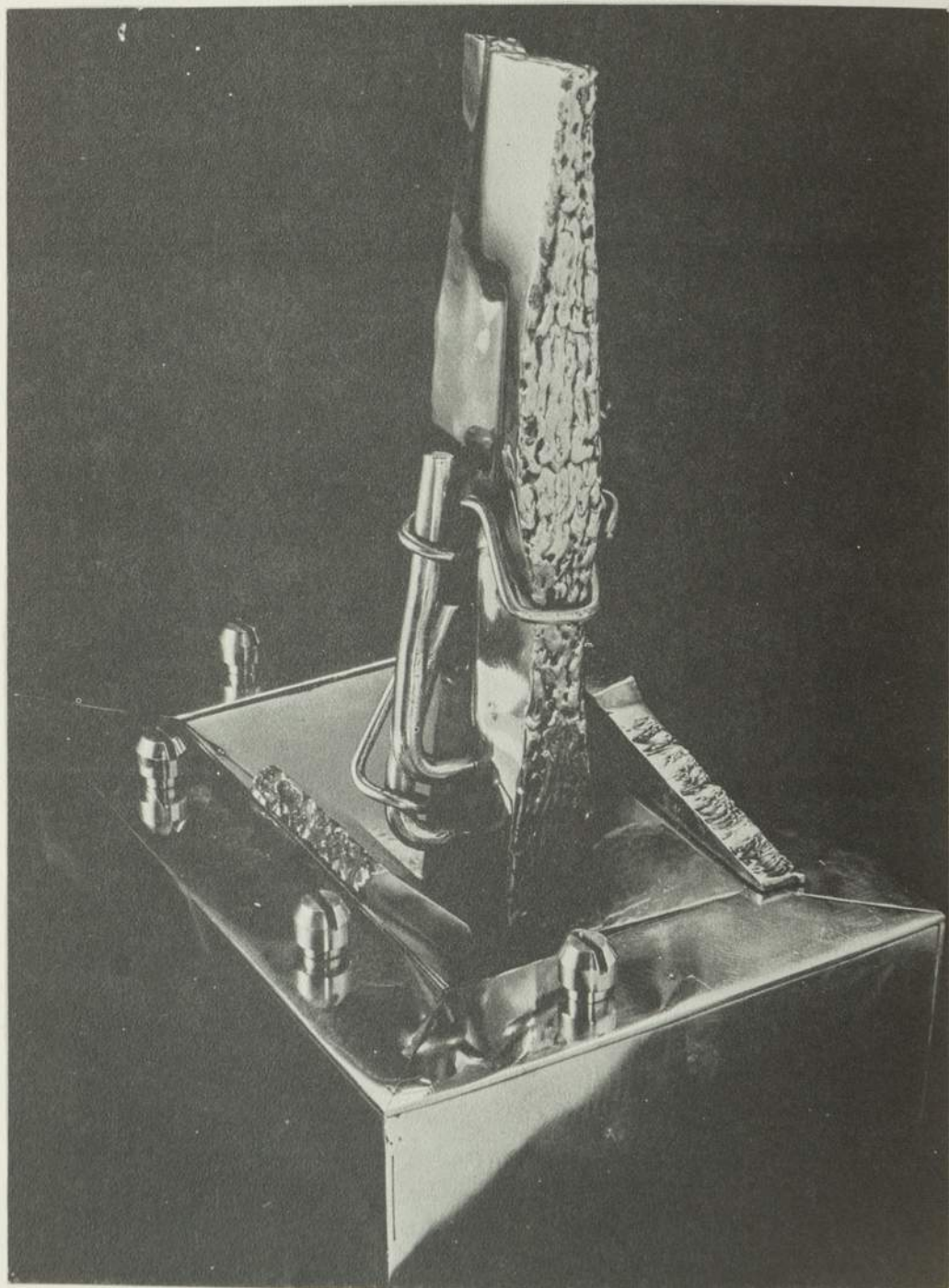
Intervenção na Árvore

NICOLAS VLAVIANOS

Grécia, 1929

Residência: São Paulo, SP

1. Árvore Hierática II, 1975. Aço inox soldado e polido, 120
2. Árvore Hierática III, 1975. Aço inox soldado e polido, 130
3. Planta, 1974. Aço inox soldado e polido, 63



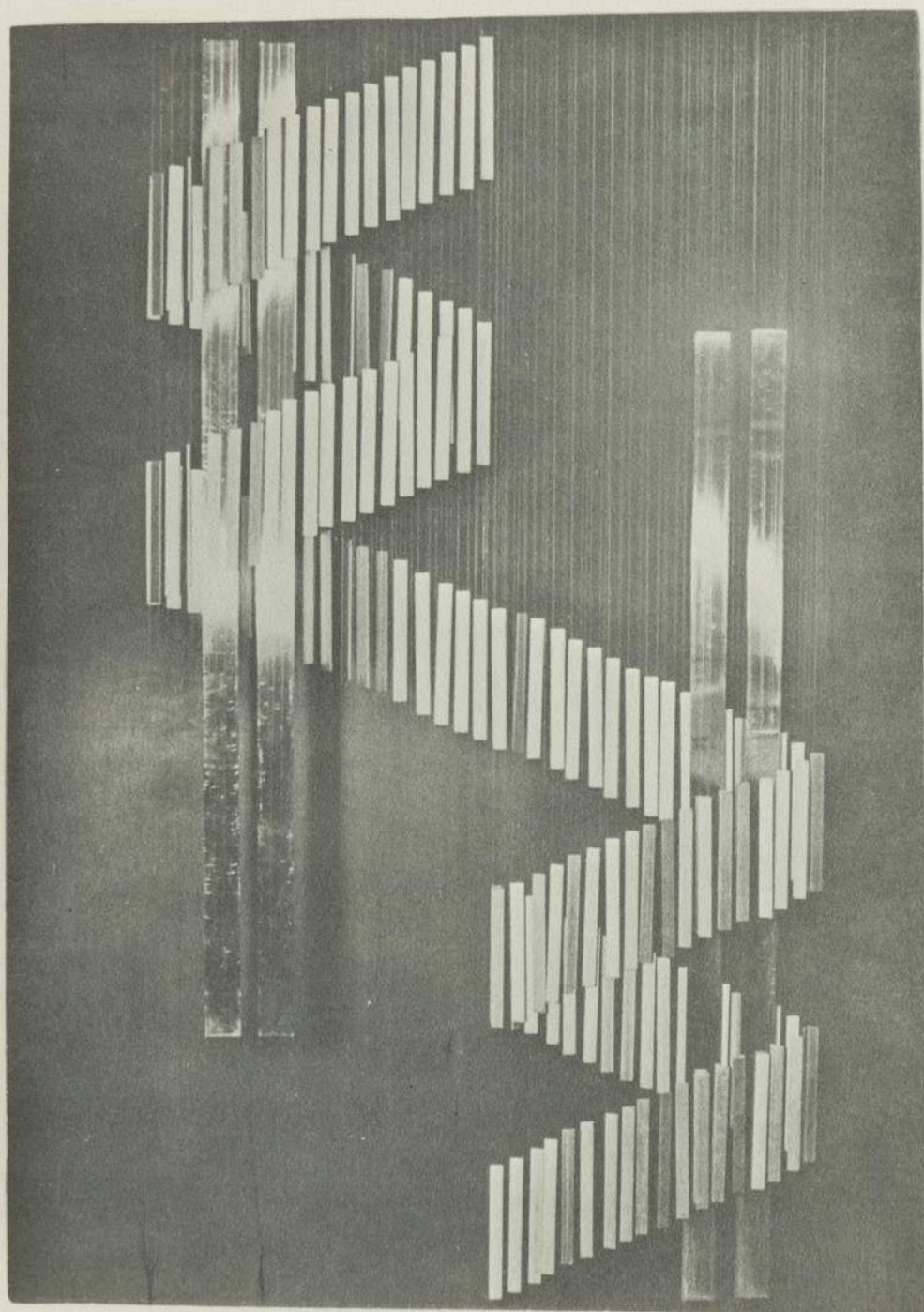
Planta

PAGNANO

São Paulo, 1934

Residência: Ribeirão Preto, SP

1. Signo n.º 1, 1975. Alumínio, 180
2. Signo n.º 2, 1975. Alumínio, 180
3. Signo n.º 3, 1975. Alumínio, 180



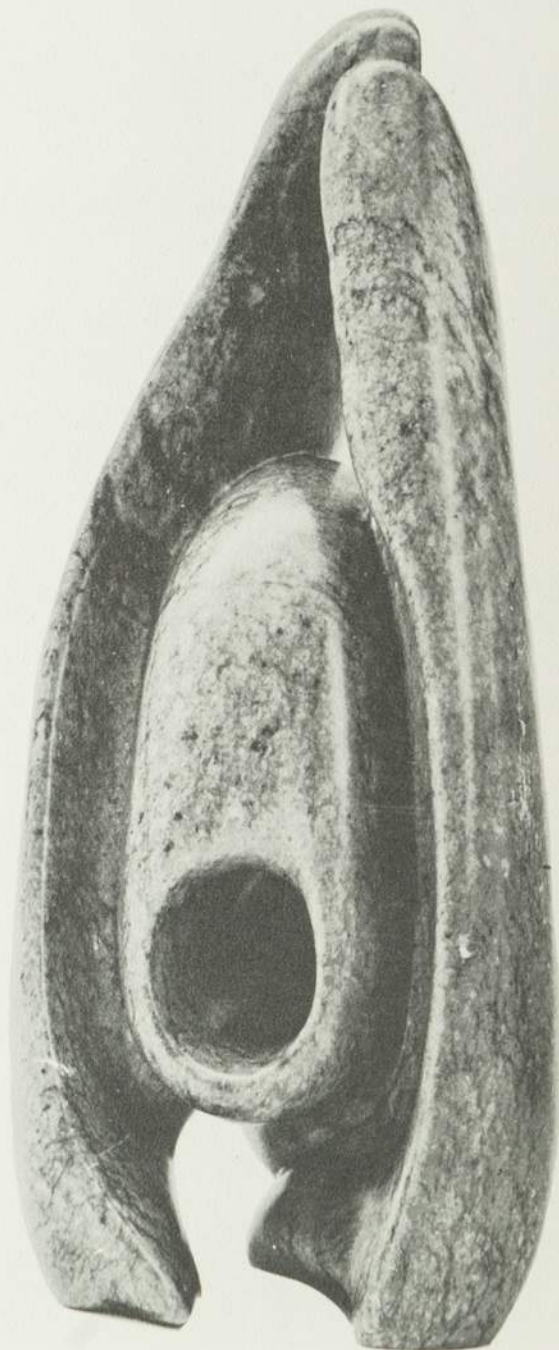
Signo n.º 1

PEDRO PINKALSKY

São Paulo, 1942

Residência: São Paulo, SP

1. Amafalda I, 1974. Pedra sabão, 70
2. Amafalda II, 1975. Pedra sabão, 20
3. Amafalda III, 1975. Pedra sabão, 65



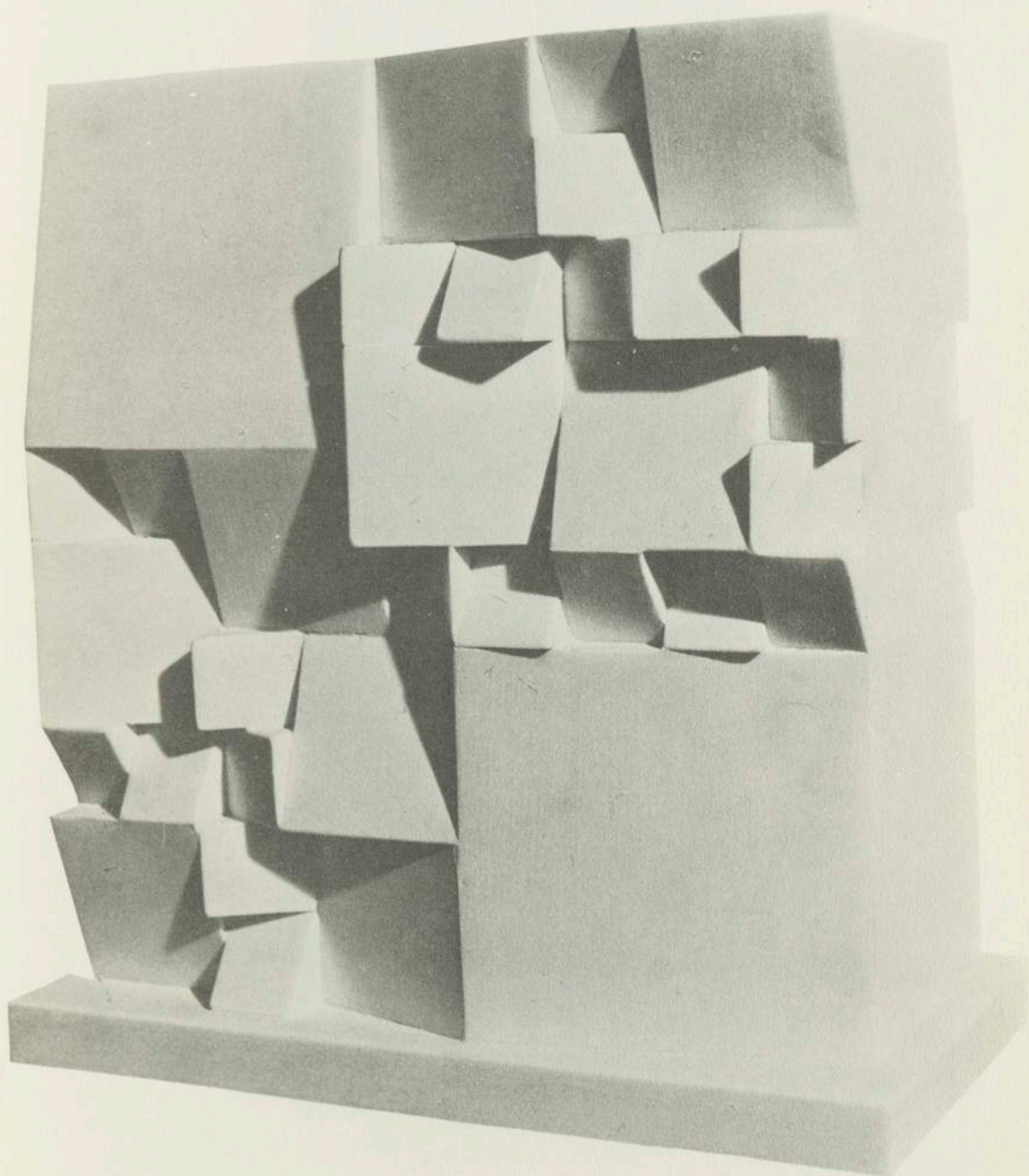
Amafalda II

SERGIO CAMARGO

Rio de Janeiro, 1930

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. N.º 392, 1973. Mármore de Carrara, 80
2. N.º 415, 1973. Mármore de Carrara, 25 x 23 x 13
3. N.º 421, 1973. Mármore de Carrara, 70



TATTI MORENO

Bahia, 1944

Residência: Salvador, BA

1. Meta-mo-forma de Insetos (I), 1975. Aço, 100
2. Meta-mo-forma de Insetos (II), 1975. Aço, 130
3. Meta-mo-forma de Insetos (III), 1975. Aço, 150

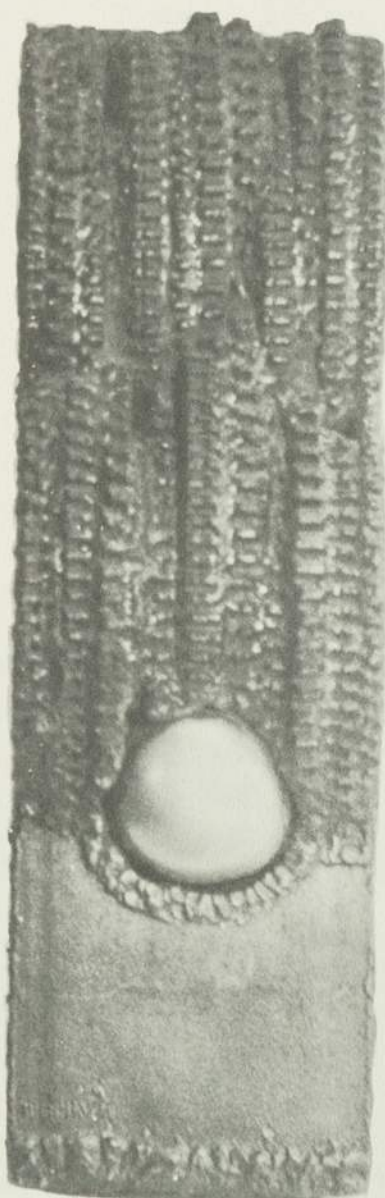


Meta-mo-forma de Insetos (I)

TENIUS

Rio Grande do Sul, 1939
Residência: Porto Alegre, RS

1. Equilíbrio I, 1975. Ferro soldado, inox, duco; 42
2. Guerra, 1975. Ferro soldado, duco; 63
3. Ritmus, 1974. Ferro soldado, inox; 49



Ritmus

TOYOTA

Japão, 1931

Residência: São Paulo, SP

1. Espaço Cósmico 75, 1975. Aço inoxidável, 40 x 40 x 180
2. Espaço Infinito 75, 1975. Aço inoxidável, 60 x 180 x 38
3. Espaço Positivo & Negativo 75, 1975. Aço inoxidável, 98 x 80 x 25



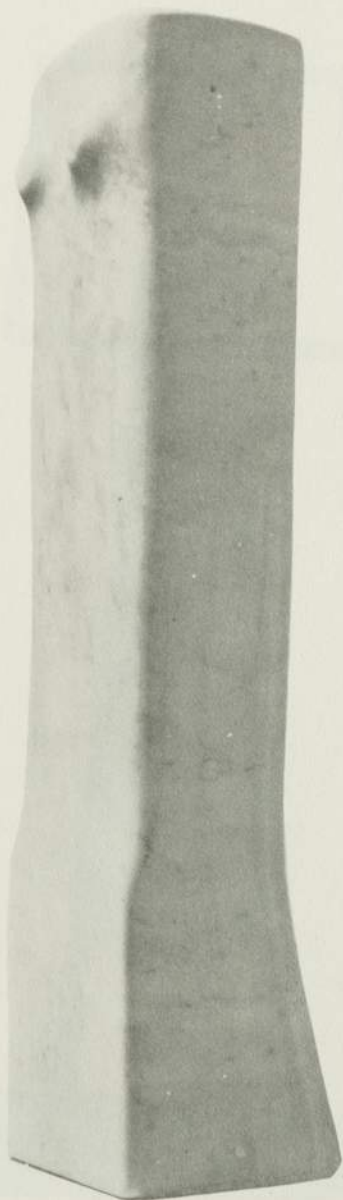
Espaço Cósmico 75

VASCO PRADO

Rio Grande do Sul, 1914

Residência: Porto Alegre, RS

1. Cabeça, 1975. Mármore do Rio Grande do Sul, 25
2. Torso, 1975. Mármore de Carrara, 70
3. Torso, 1975. Mármore de Carrara, 54



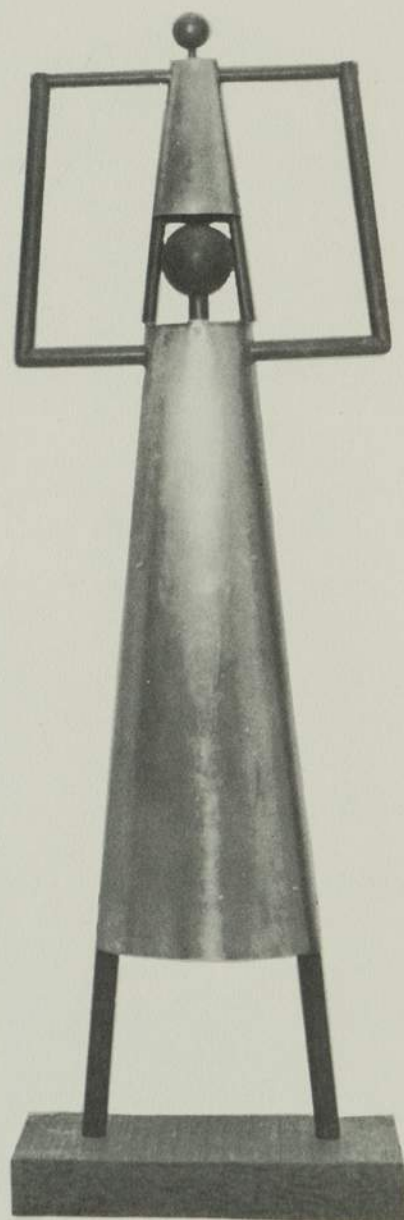
Torso

ZENON

Ceará, 1918

Residência: Fortaleza, CE

1. Instrumento de Corda, 1975. Latão s/madeira, 105
2. Tum-tum, 1974. Latão e cobre s/madeira, 97



Tum-tum

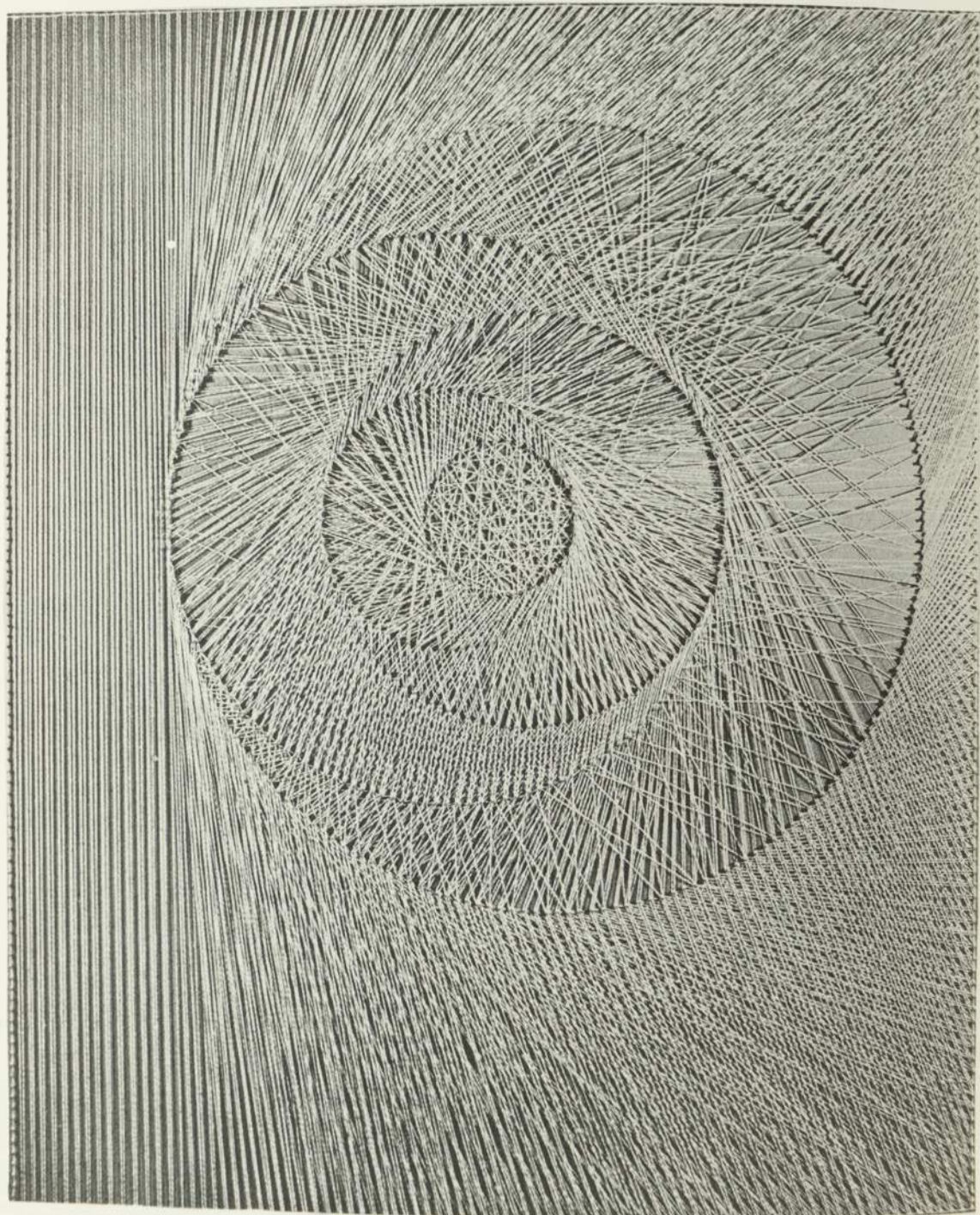
OBJETO

ALUISIO CARVÃO

Pará, 1920

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Astro Sol — I, 1973. Madeira e cordões, 100 x 100
2. Astro Sol — II, 1973. Madeira e cordões, 100 x 120
3. Via Láctea, 1972. Madeira e cordões, 110 x 160



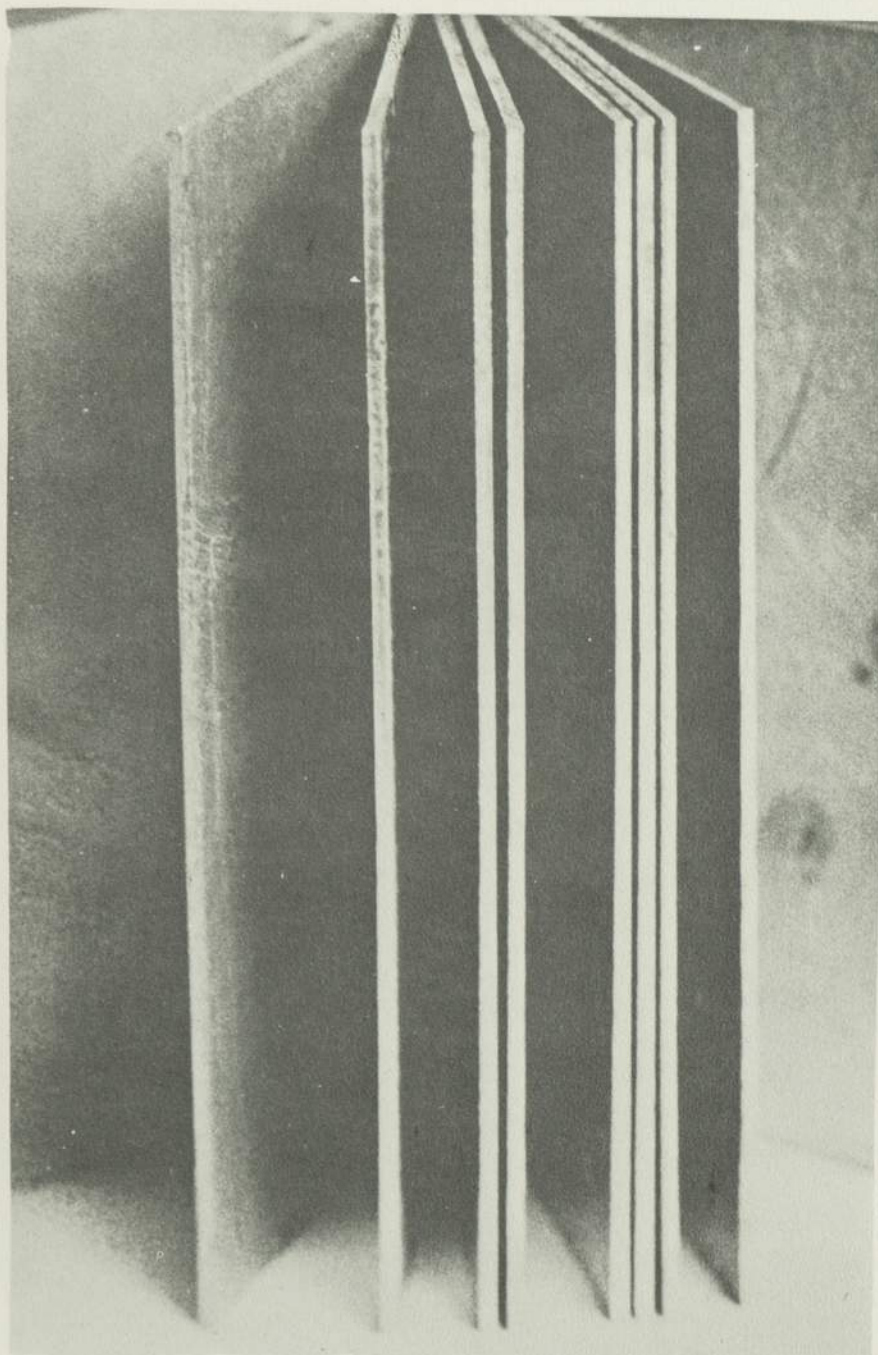
Astro Sol — II

ANTONIO MIR

Espanha, 1950

Residência: Joinville, SC

1. Caderno n.º I, 1975. Metal, 100 x 66
2. Caderno n.º II, 1975. Metal, 100 x 66
3. Caderno n.º III, 1975. Metal, 100 x 66



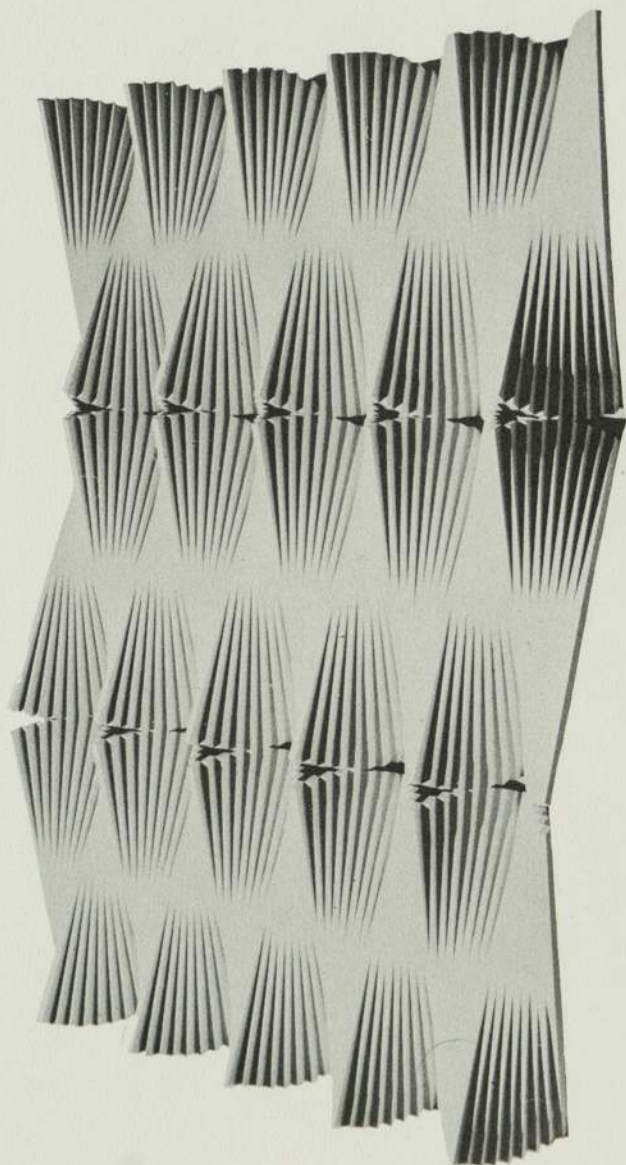
Caderno n.º I

ASCÂNIO M.M.M.

Portugal, 1941

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Dois/1974. Ripas, 120 x 45
2. Três/1974. Ripas, 130 x 80
3. Quatro/1974. Ripas, 100 x 95

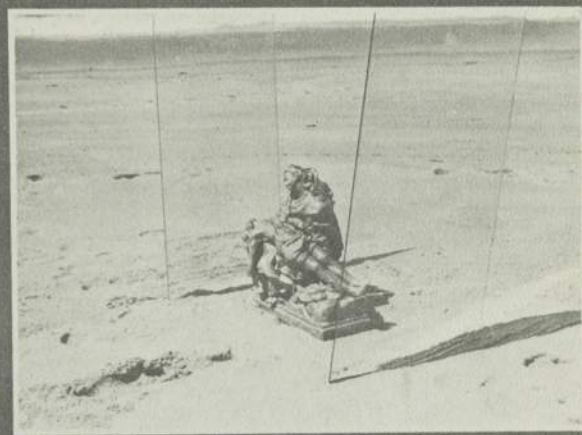
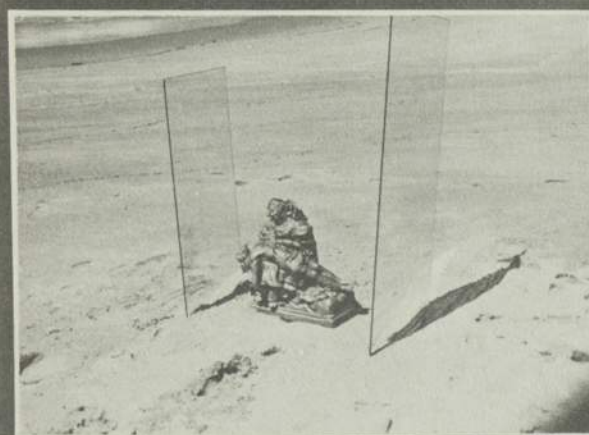


BENÉ FONTELES

Pará, 1953

Residência: Fortaleza, CE

1. Acervo de Imagens do Museu de Fragmentos, I; 1975.
50 x 70
2. Acervo de Imagens do Museu de Fragmentos, II; 1975.
50 x 70
3. Acervo de Imagens do Museu de Fragmentos, III; 1975.
50 x 70

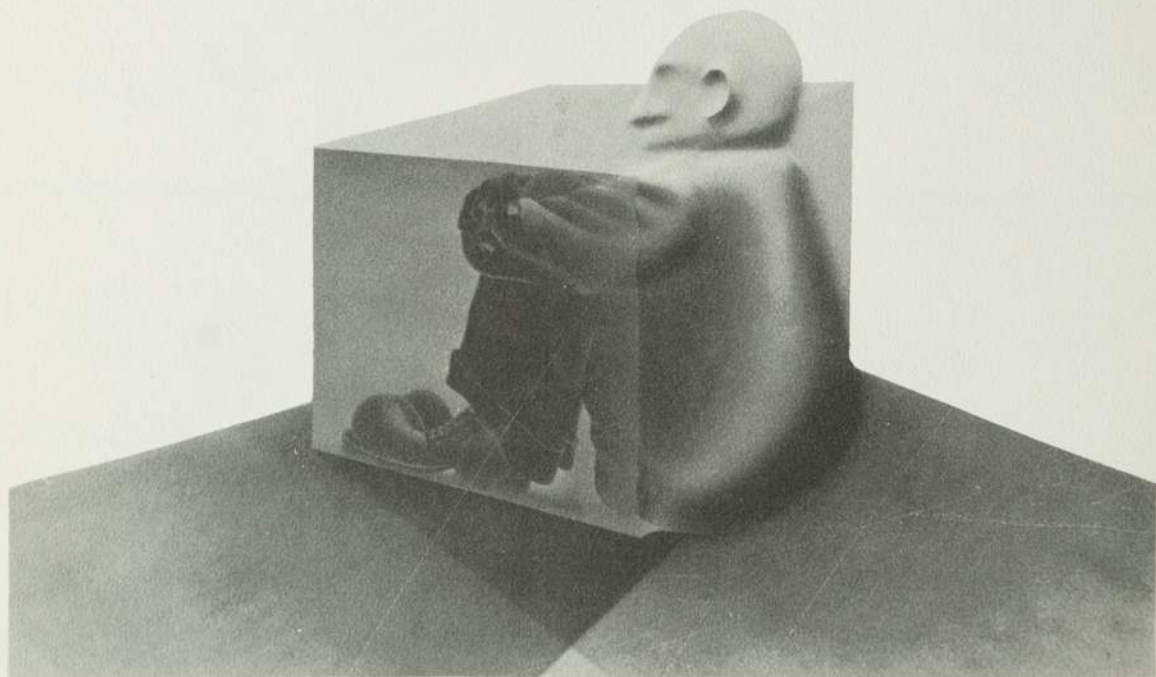


DECIO AMBROSIO

São Paulo, 1947

Residência: São Paulo, SP

1. Proposta — D.A.-1, 1975. Acrílico s/madeira, 70 x 130
2. Proposta — D.A.-2, 1974. Acrílico s/madeira, 90 x 65
3. Proposta — D.A.-3, 1975. Acrílico s/madeira, 90 x 55



Proposta — D.A.-1

DORÉE CAMARGO CORRÊA

São Paulo, 1939

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Sequência de Acrilogravado I, 1975. Matriz e acrilogravura, 155 x 165
2. Sequência de Acrilogravado II, 1975. Matriz e acrilogravura, 155 x 165
3. Sequência de Acrilogravado III, 1975. Matriz e acrilogravura 155 x 165



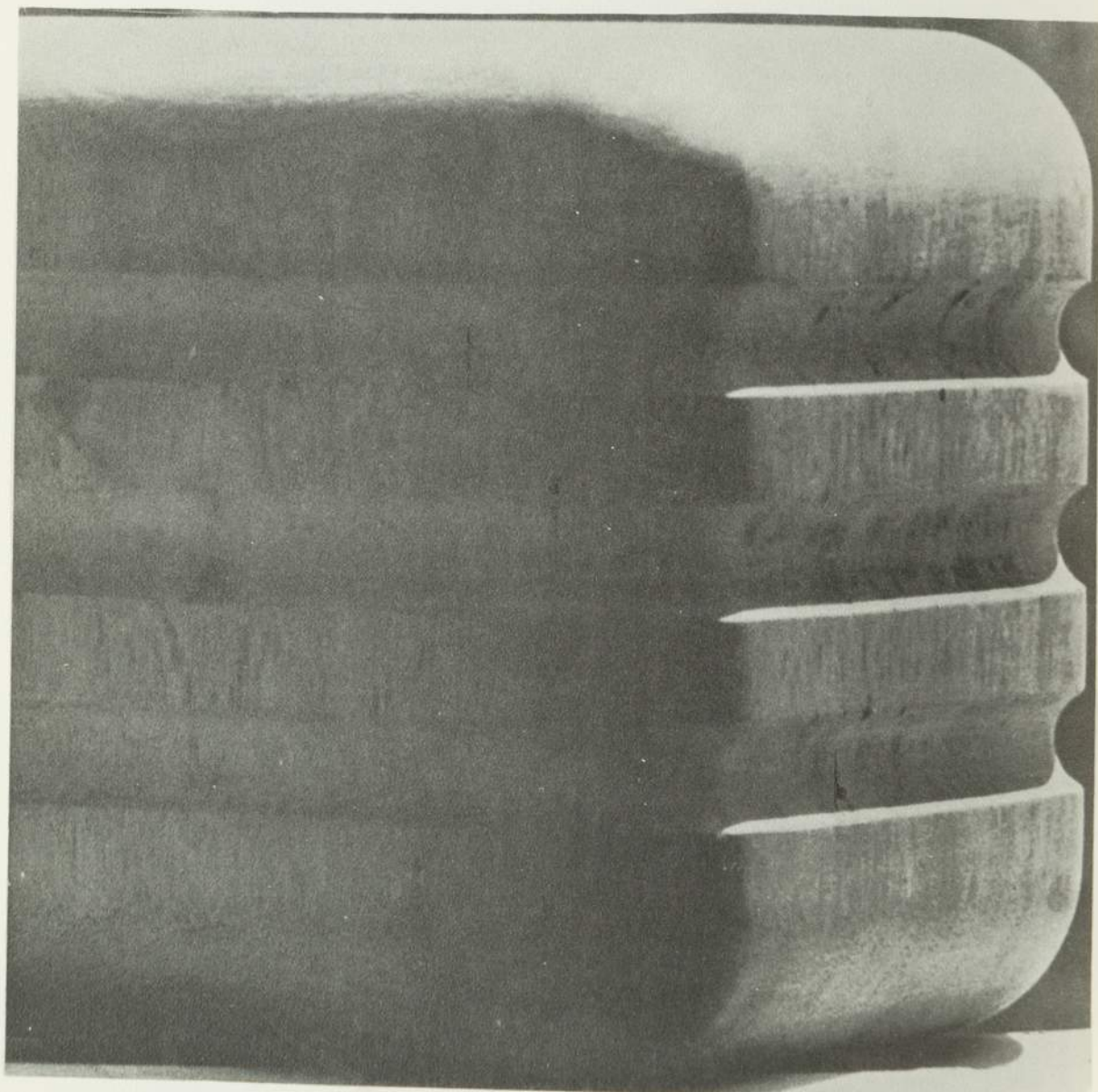
Sequência de Acrilogravado I

EVANY FANZERES

Rio de Janeiro, 1940

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Módulo I, 1973. Madeira, 24 x 24 x 24
2. Módulo II, 1973. Madeira, 24 x 24 x 24
3. Módulo III, 1973. Madeira, 24 x 24 x 24



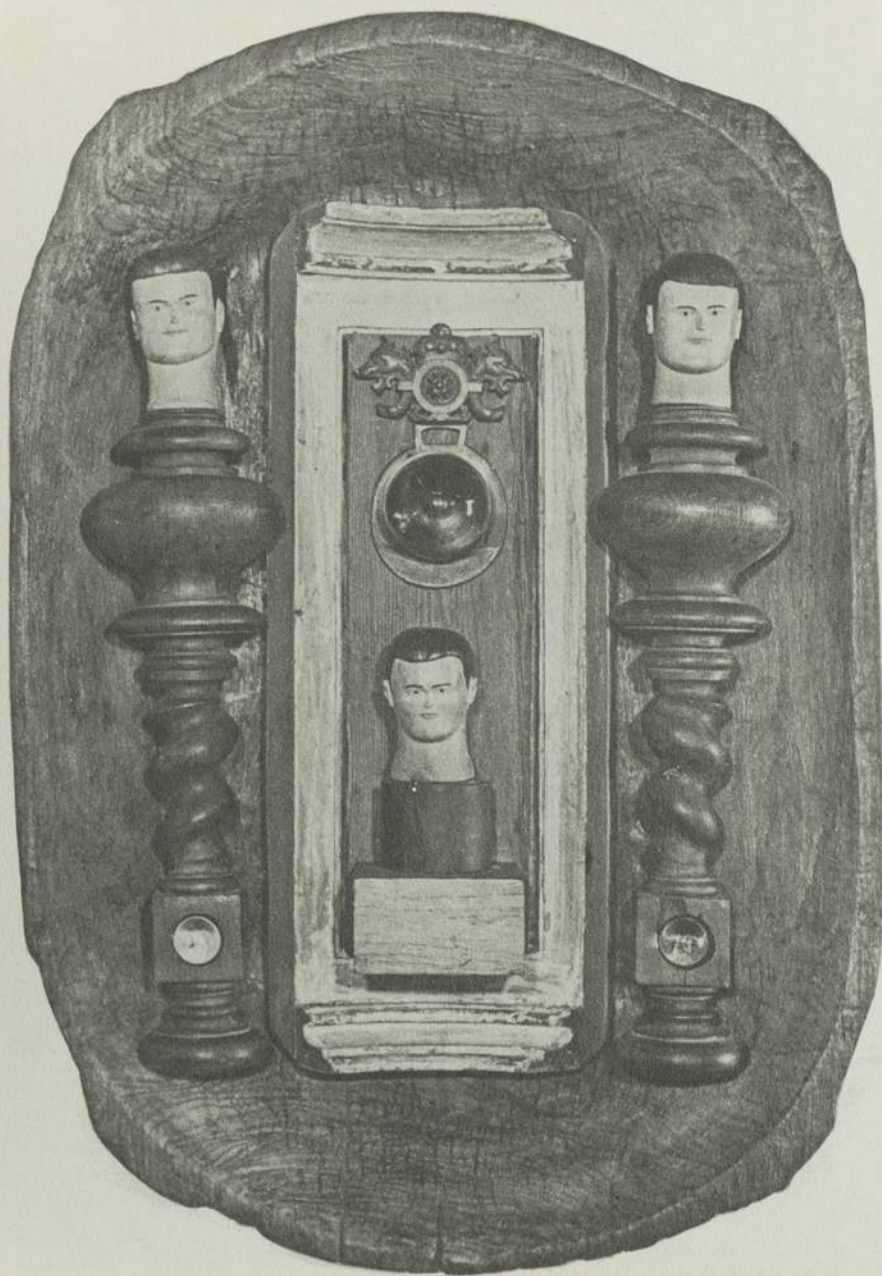
Módulo I

FARNESE DE ANDRADE

Minas Gerais, 1926

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Cosme, Damião, Doum e suas Três Estrelas, 1975. Madeira, cristal, cocho, gamela; 120 x 82
2. Formação de um Pensamento, 1974/75. Madeira, batéia, bacia; diâmetro: 76
3. O Ser, 1974/75. Madeira, cristal, oratório, gamela; 93 x 48



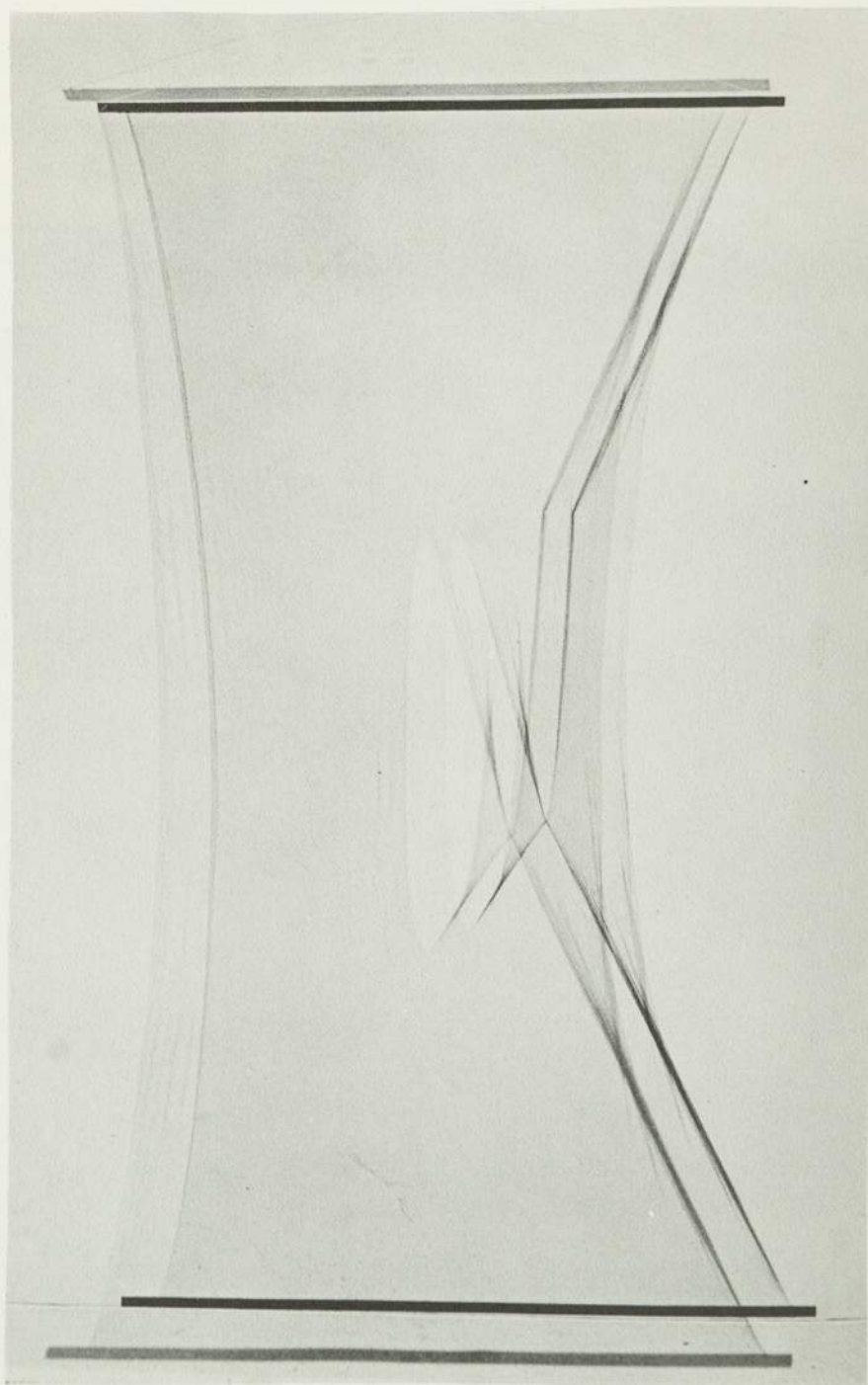
Cosme, Damião, Doum e suas Três Estrelas

GERALDO MAYER JÜRGENSEN

São Paulo, 1920

Residência: Campinas, SP

1. Sem Título I, 1975. Nylon, 220 x 120
2. Sem Título II, 1975. Nylon, 220 x 120
3. Sem Título III, 1975. Nylon, 220 x 120

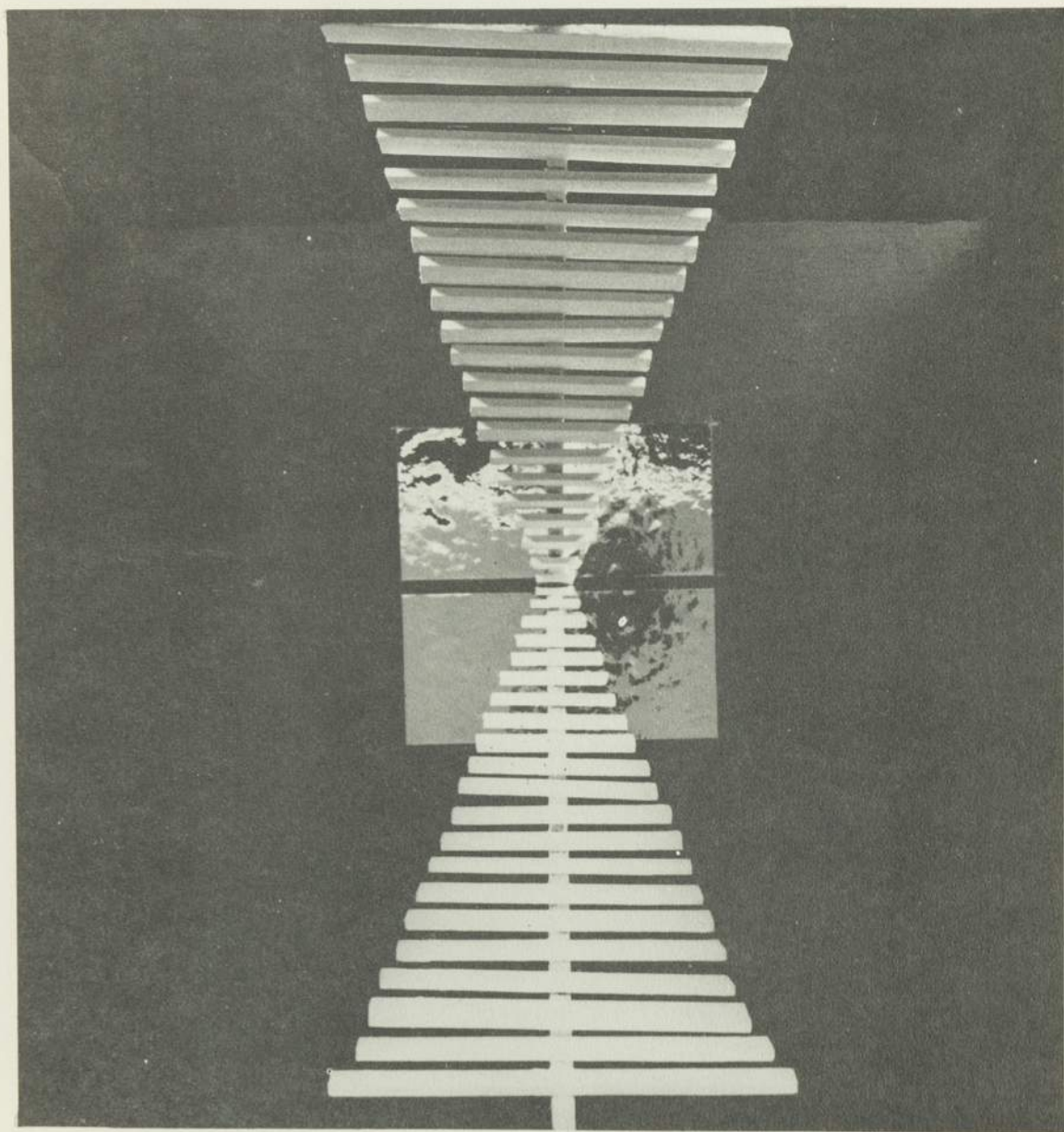


Sem Título I

GERTY SARUÉ

Brasileira naturalizada. Áustria, 1934
Residência: São Paulo, SP

1. Perspectivas, 1975. Madeira, alumínio, 240 x 330



Perspectivas

GILBERTO JIMÉNEZ

Peru, 1936

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Poluição, 1975. Material vário, 57 x 83 x 56



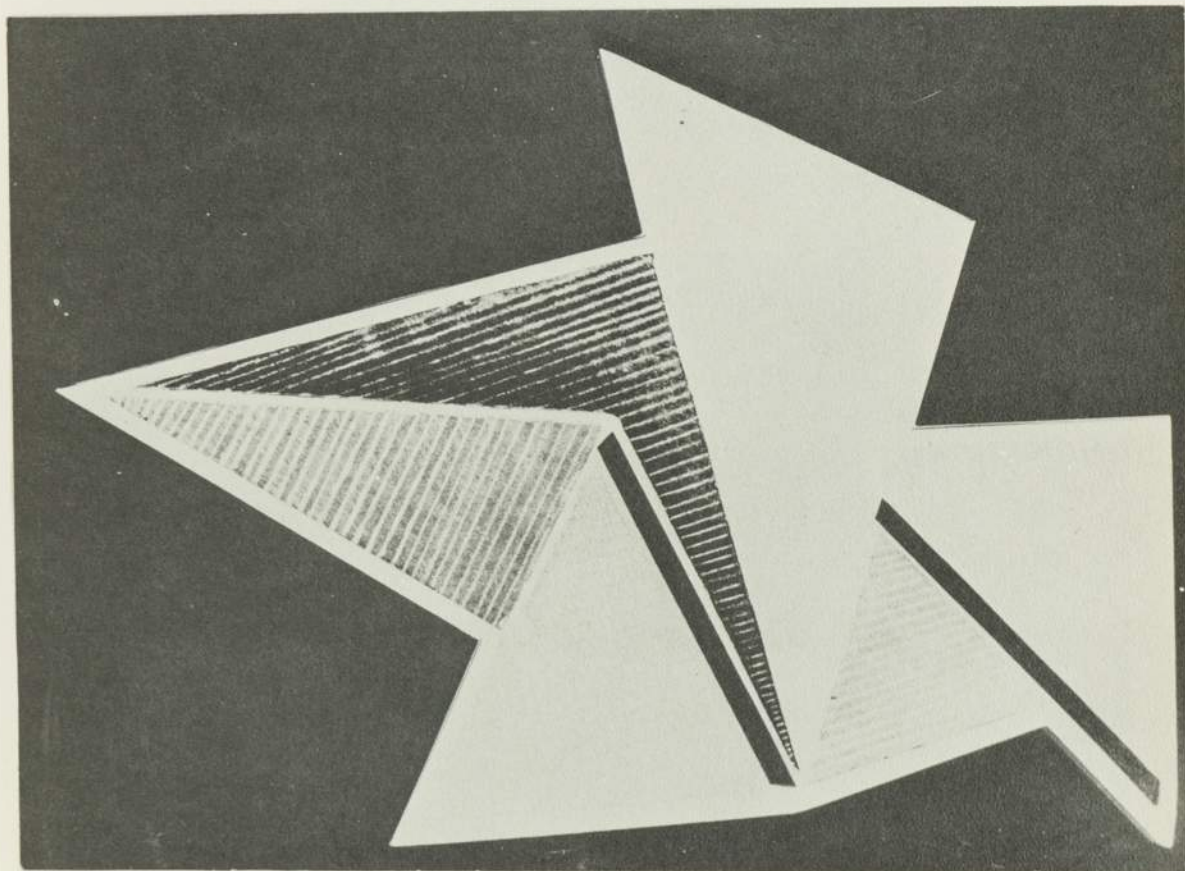
Poluição

GILKA VIANNA

Minas Gerais, 1928

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Objeto Gráfico-1, 1974. Relevo, água-forte, aquatinta; 51 x 70
2. Objeto Gráfico-2, 1975. Relevo, água-forte; 62 x 53
3. Objeto Gráfico-3, 1975. Relevo, água-forte; 46 x 43



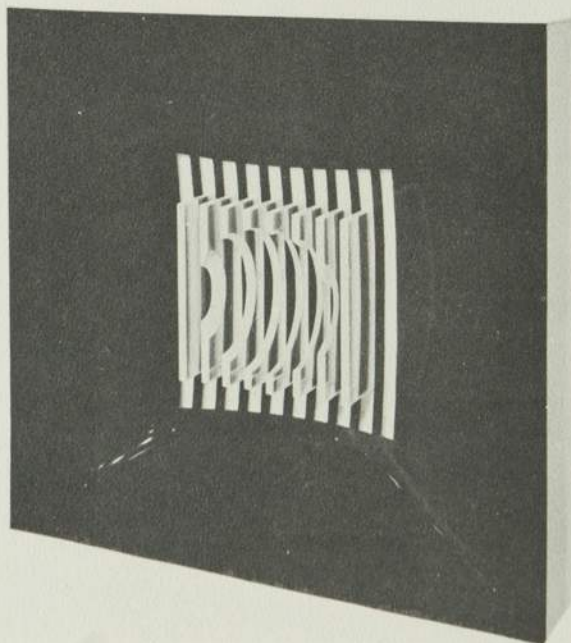
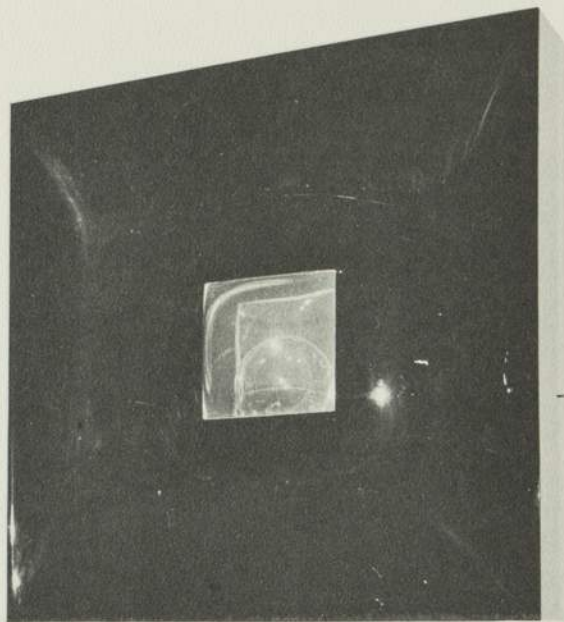
Objeto Gráfico-1

ILSA MONTEIRO

Rio Grande do Sul, 1935

Residência: Porto Alegre, RS

1. Movimento de Aproximação das Formas, 1975. Acrílico, chapa inflada:
A — A Busca: Solidão I, Solidão II, Atração. Cada: 70x70x12
B — O Encontro: Paz, Conflito. Cada: 70 x 70 x 12



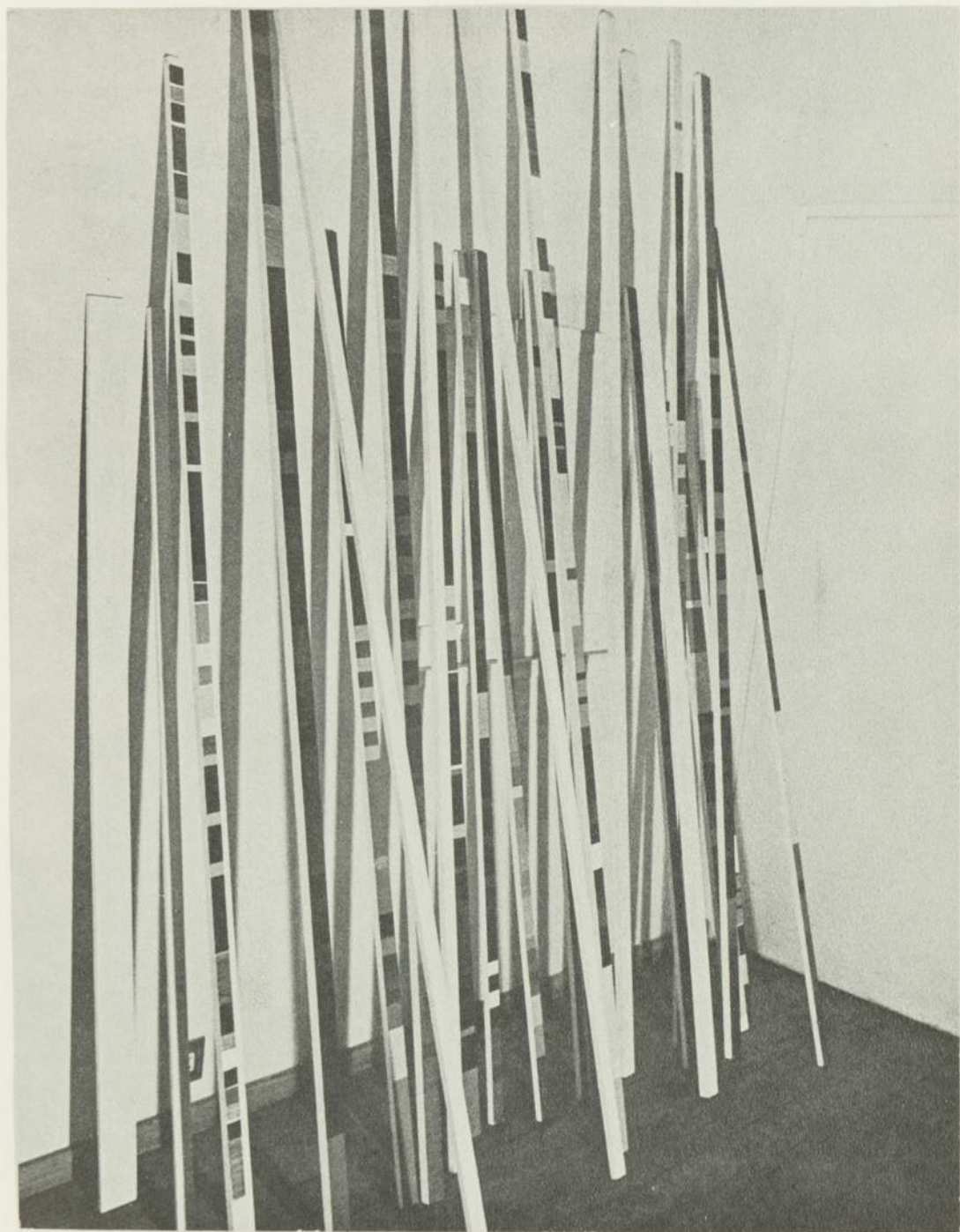
O Encontro: Paz, Conflito

IONE SALDANHA

Rio Grande do Sul, 1921

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Grupo de Ripas, 1968/75. Tinta acrílica s/madeira
2. Um Bambu, 1975. Tinta acrílica, 170



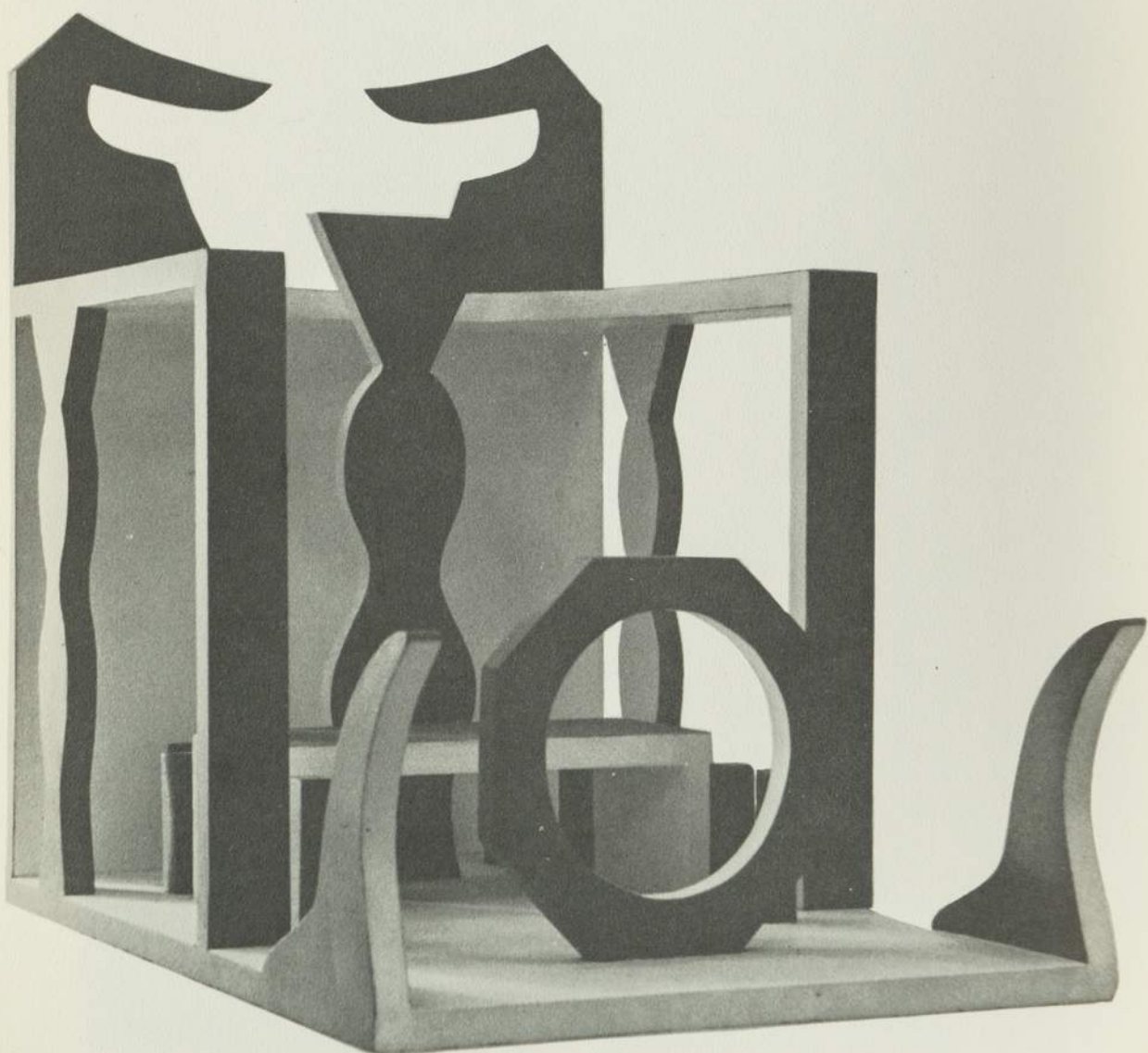
Grupo de Ripas

JANDYRA WATERS

São Paulo, 1921

Residência: São Paulo, SP

1. Templo da Lua, 1975. Madeira e tinta acrílica, 32 x 66,5
2. Templo das Confabulações, 1975. Madeira e tinta acrílica, 35 x 47
3. Templo dos Retirantes, 1975. Madeira e tinta-acrílica, 32 x 61



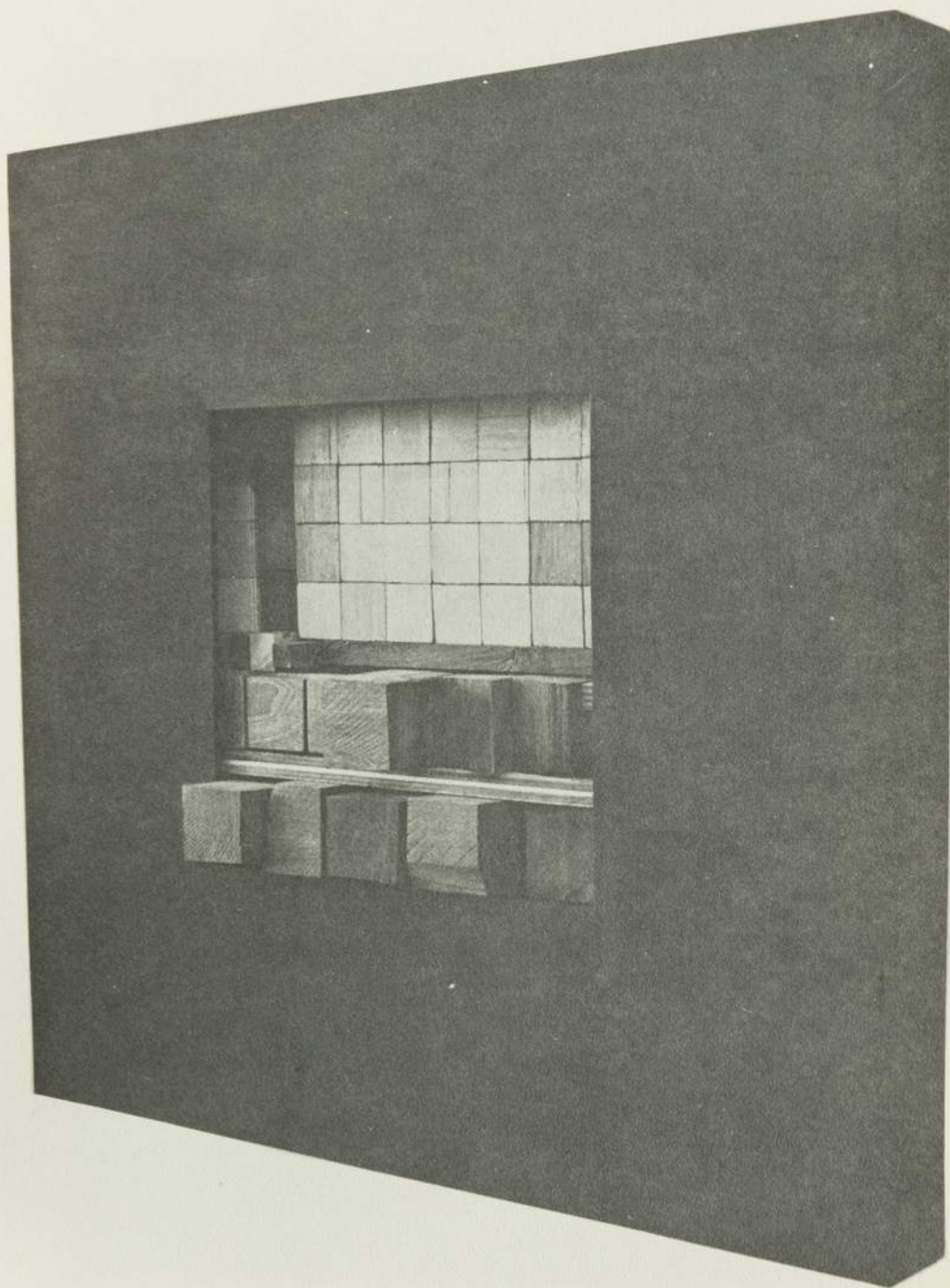
Templo das Confabulações

JOÃO CARLOS GALVÃO

Rio de Janeiro, 1941

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Sem Título (1), 1974. Madeira pintada, 90 x 90
2. Sem Título (2), 1974. Madeira pintada, 90 x 90
3. Sem Título (3), 1975. Madeira, 90 x 90



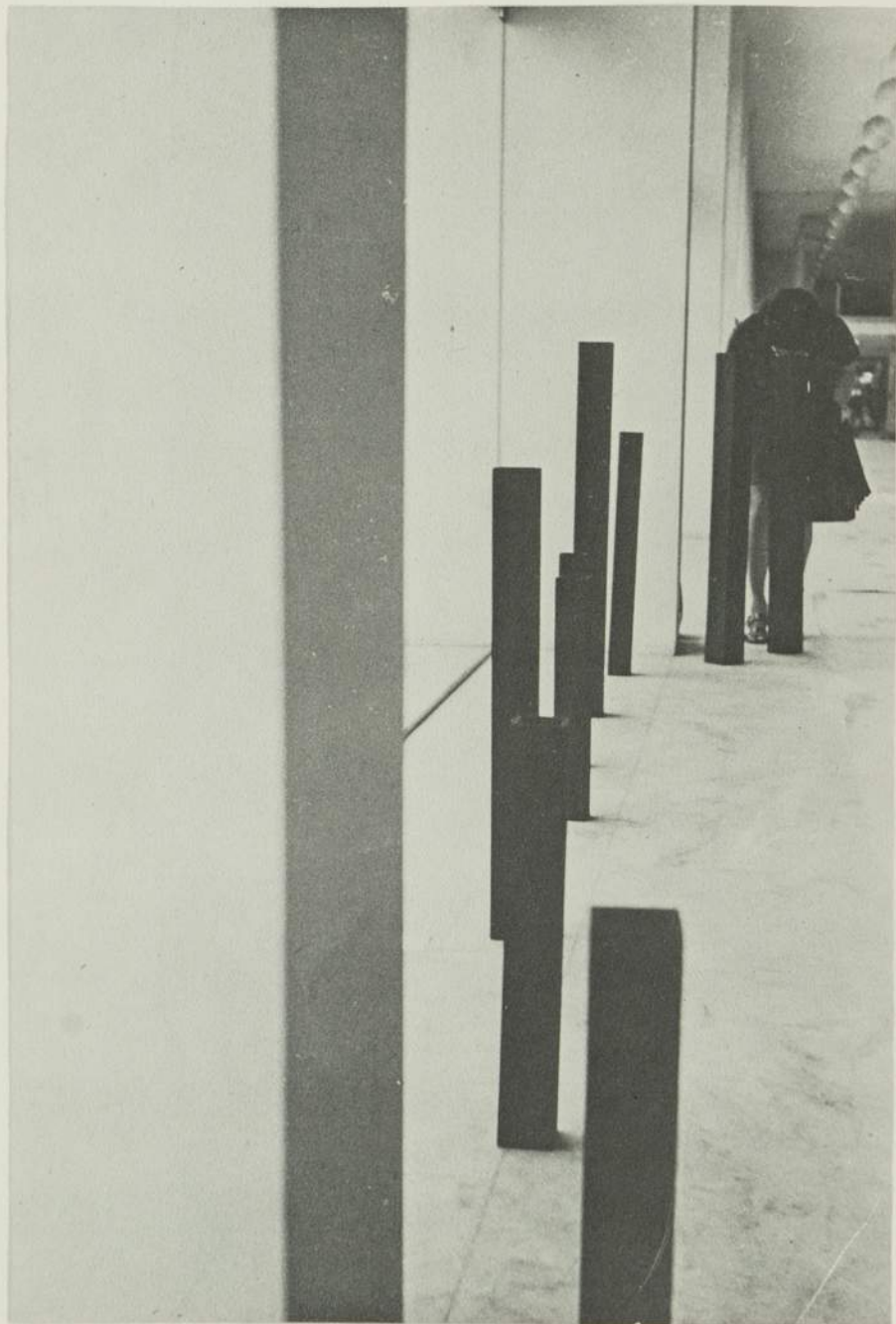
Sem Título (3)

JOSÉ RONALDO LIMA

Minas Gerais, 1939

Residência: Belo Horizonte, MG

1. Pesquisa de Código Olfativo, 1973. Madeira e materiais diversos. 9 caixas, 150²
2. Pesquisa de Código Tátil, 1973. Madeira e materiais diversos. 4 caixas, 150²
3. Pesquisa Lúdica — Tátil/Visual, 1973. Plástico e sementes. Conjunto: 350²



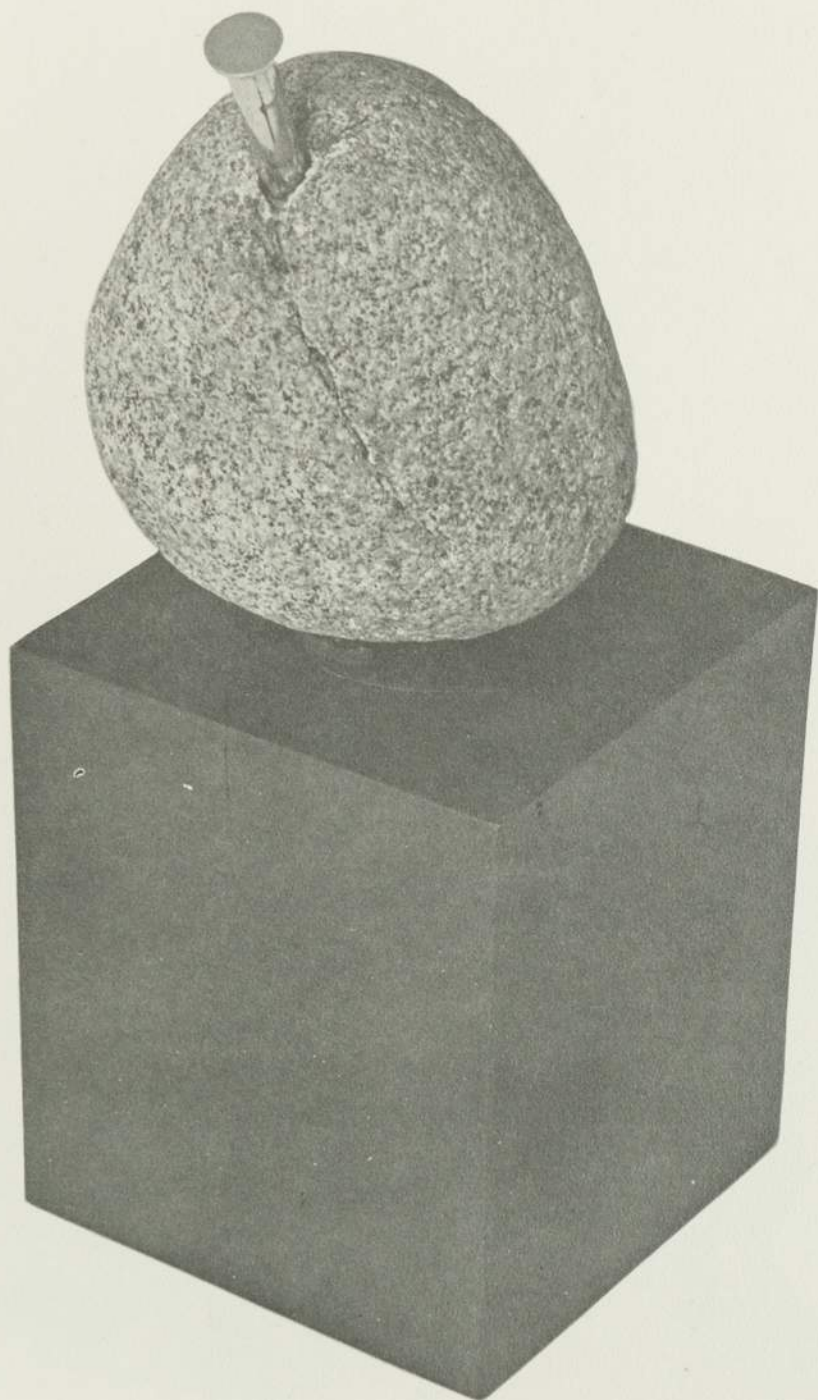
Pesquisa de Código Olfativo

JOSÉ TARCISIO

Ceará, 1941

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Pedra na Grama, 1975. Aço, pedra; 45 x 50 x 170
2. Pedra na Raiz, 1975. Raiz, pedra; 126 x 48 x 130
3. Prego na Pedra, 1975. Madeira pintada, pedra, prego cromado; 130 x 50 x 50



Prego na Pedra

JUAREZ PARAISO

Bahia, 1934

Residência: Salvador, BA

1. Mutação I, 1972. Fiber glass, 75 x 300
2. Mutação II, 1975. Materiais vários, 150 x 40
3. Mutação III, 1975. Materiais vários, 150 x 40



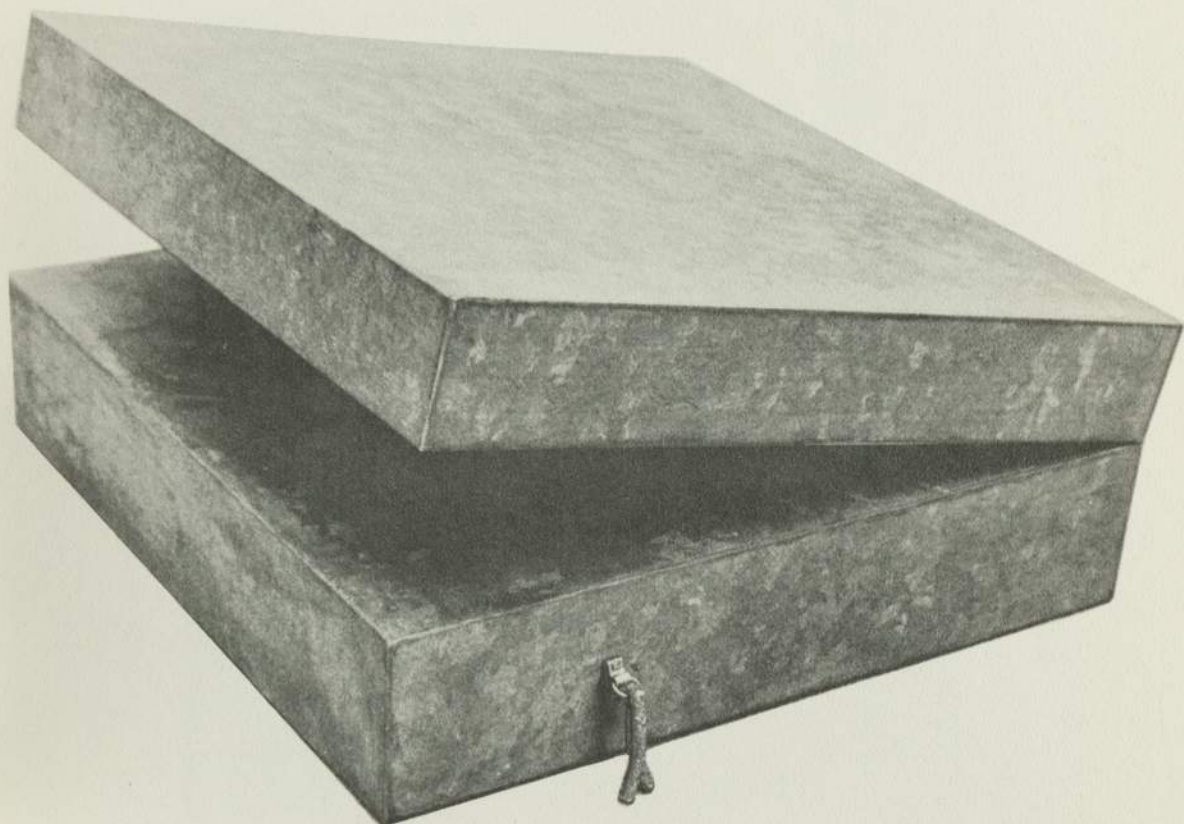
Mutação II

LUIZ PAULO BARAVELLI

São Paulo, 1942

Residência: São Paulo, SP

1. —, 1975. Concreto e prata, 15 x 60 x 60
2. — (Para Resende), 1975. Madeira, 24 x 68 x 68
3. Gaudi Caminha para a Morte, 1970/75. Ferro e chumbo, 60 x 60 x 35



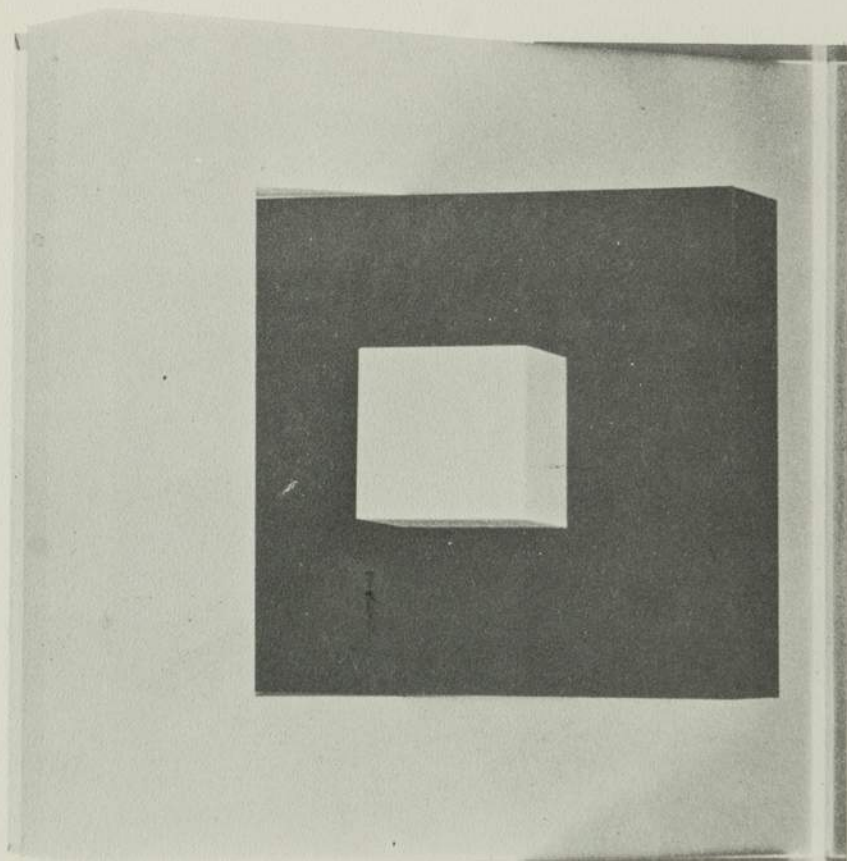
Gaudi Caminha para a Morte

MARCIA BARROZO DO AMARAL

Rio de Janeiro, 1943

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Arco-íris, 1975. Acrílico montado, 60 x 30
2. Caixa de brincar, 1972. Acrílico montado, 56 x 56.
3. Exemplo n.º 3, 1974. Acrílico montado, 60 x 10



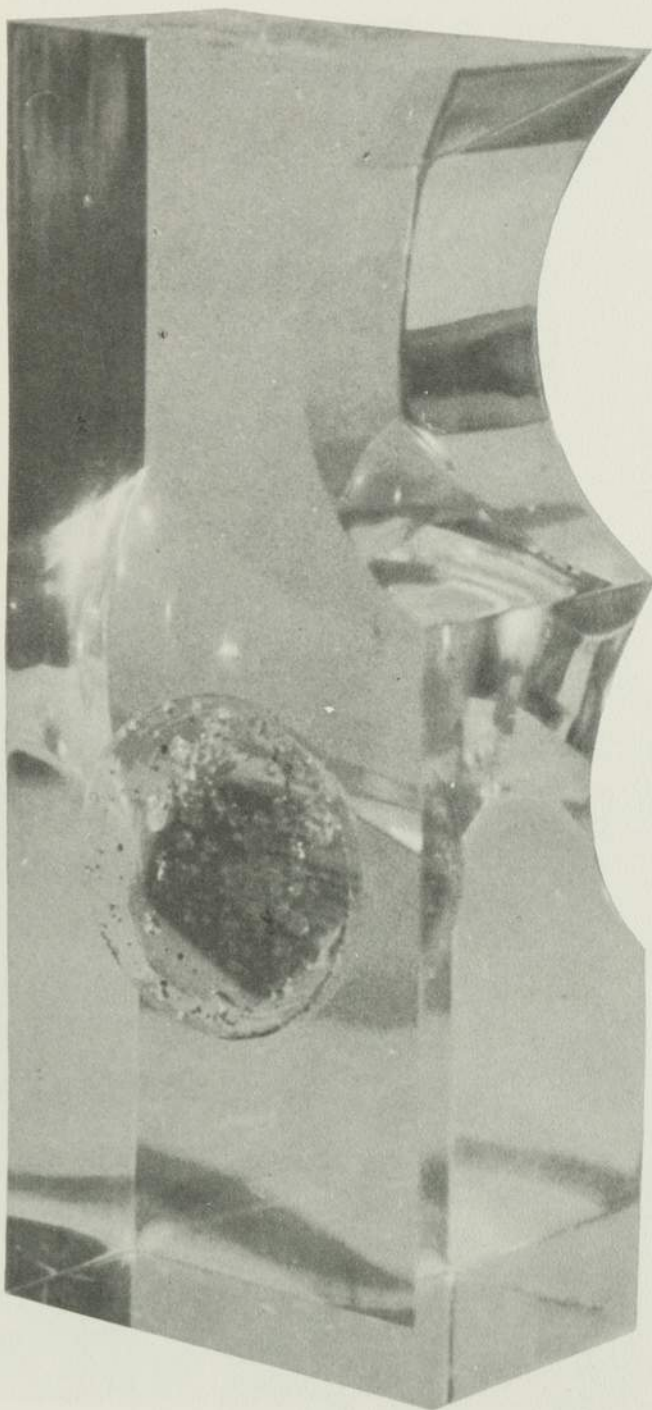
Caixa de brincar

PERETTI

Rio Grande do Sul, 1935

Residência: Porto Alegre, RS

1. Quadrimensão I.º, 1975. Acrílico. Lapidação e polimerização. 27 x 11 x 8
2. Quadrimensão II.º, Acrílico. 1975. Lapidação e polimerização. 24 x 11 x 8
3. Quadrimensão III.º, 1975. Acrílico. Lapidação e polimerização. 28 x 11 x 8



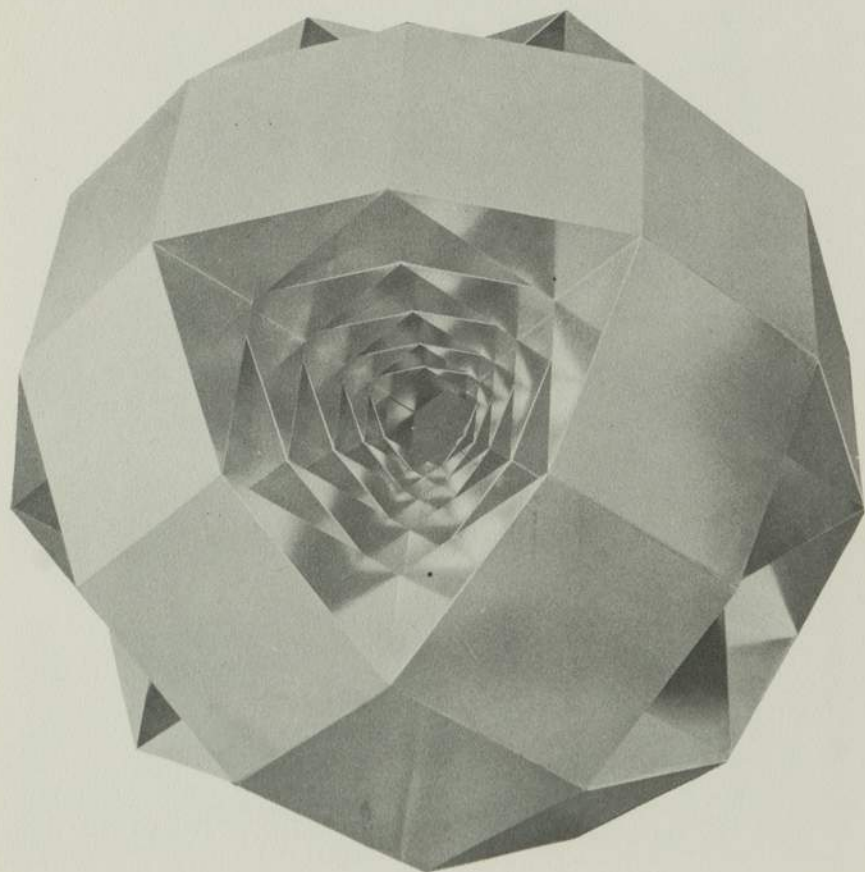
Quadrimensão I.º

ROSE LUTZENBERGER

Rio Grande do Sul, 1929

Residência: Porto Alegre, RS

1. Progressão, 1975. Alumínio, 100 x 100



Progressão

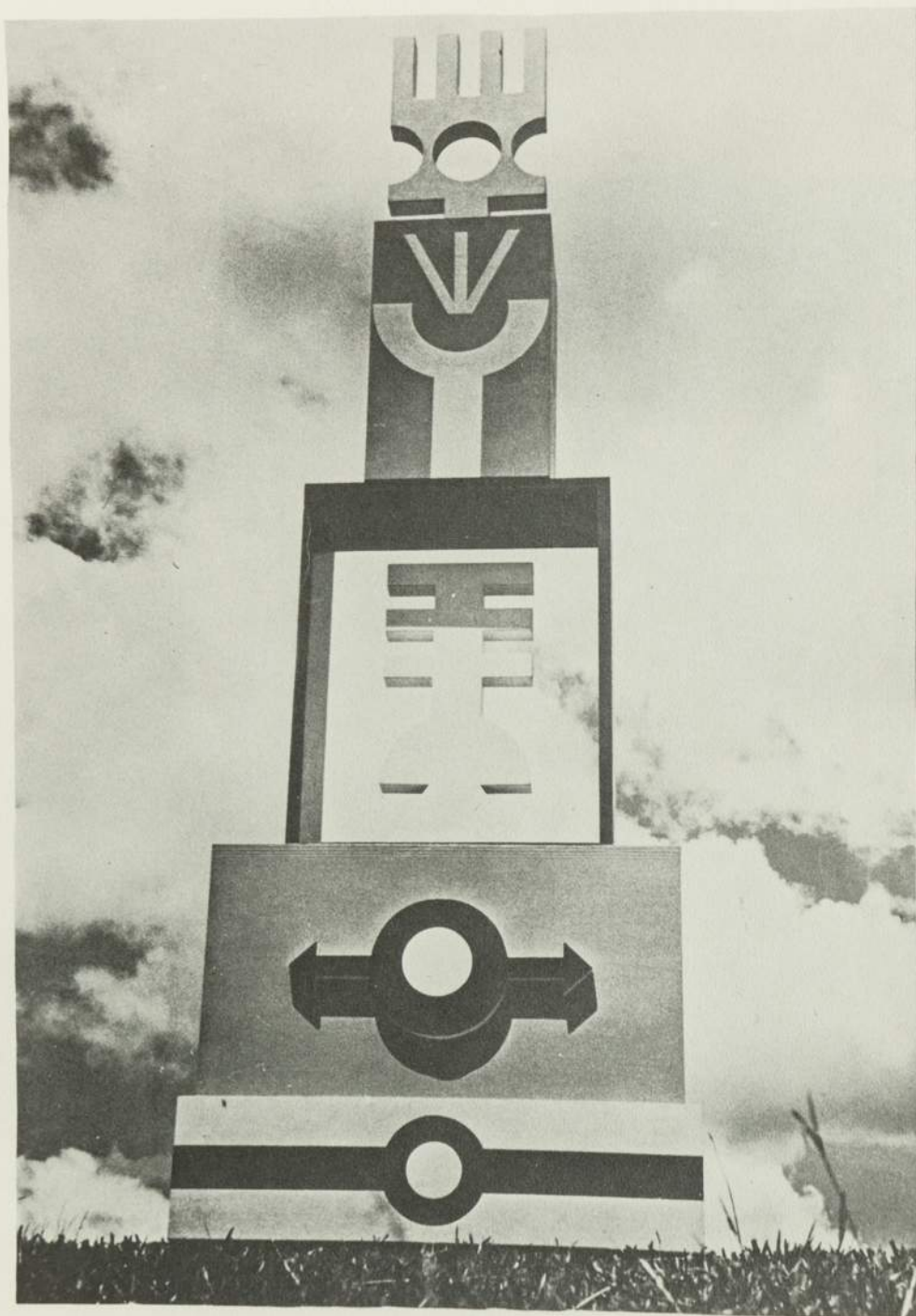
RUBEM VALENTIM

Bahia, 1922

Residência: Brasília, DF

1. Objeto Emblemático — I, 1975. Madeira pintada, 160 x 100
2. Objeto Emblemático — II, 1975. Madeira pintada, 160 x 100
3. Objeto Emblemático — III, 1975. Madeira pintada, 160 x 100

**PRÊMIO MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO
OBJETO, 1975**



Objeto Emblemático — I

SERGIO AUGUSTO PORTO

Rio de Janeiro, 1946

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Sem Título, 1975.

**PRÊMIO-ESTÍMULO CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
OBJETO, 1975**



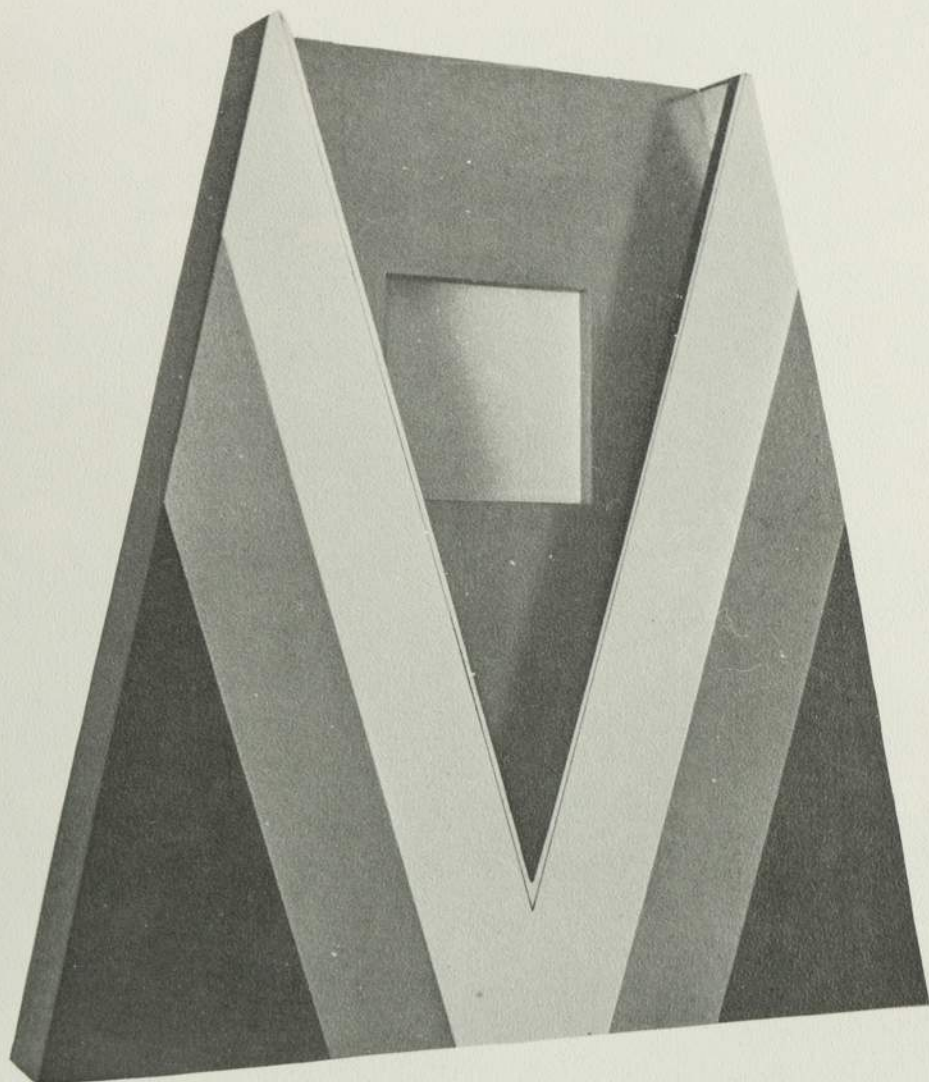
Sem Título

SOLANGE ESCOSTEGUY

Rio Grande do Sul, 1945

Residência: Rio de Janeiro, RJ

1. Objeto I, 1975. Madeira, metal, acrílico; 80 x 80
2. Objeto II, 1975. Madeira, metal, acrílico; 80 x 80
3. Objeto III, 1975. Madeira, metal, acrílico; 80 x 80



Objeto II

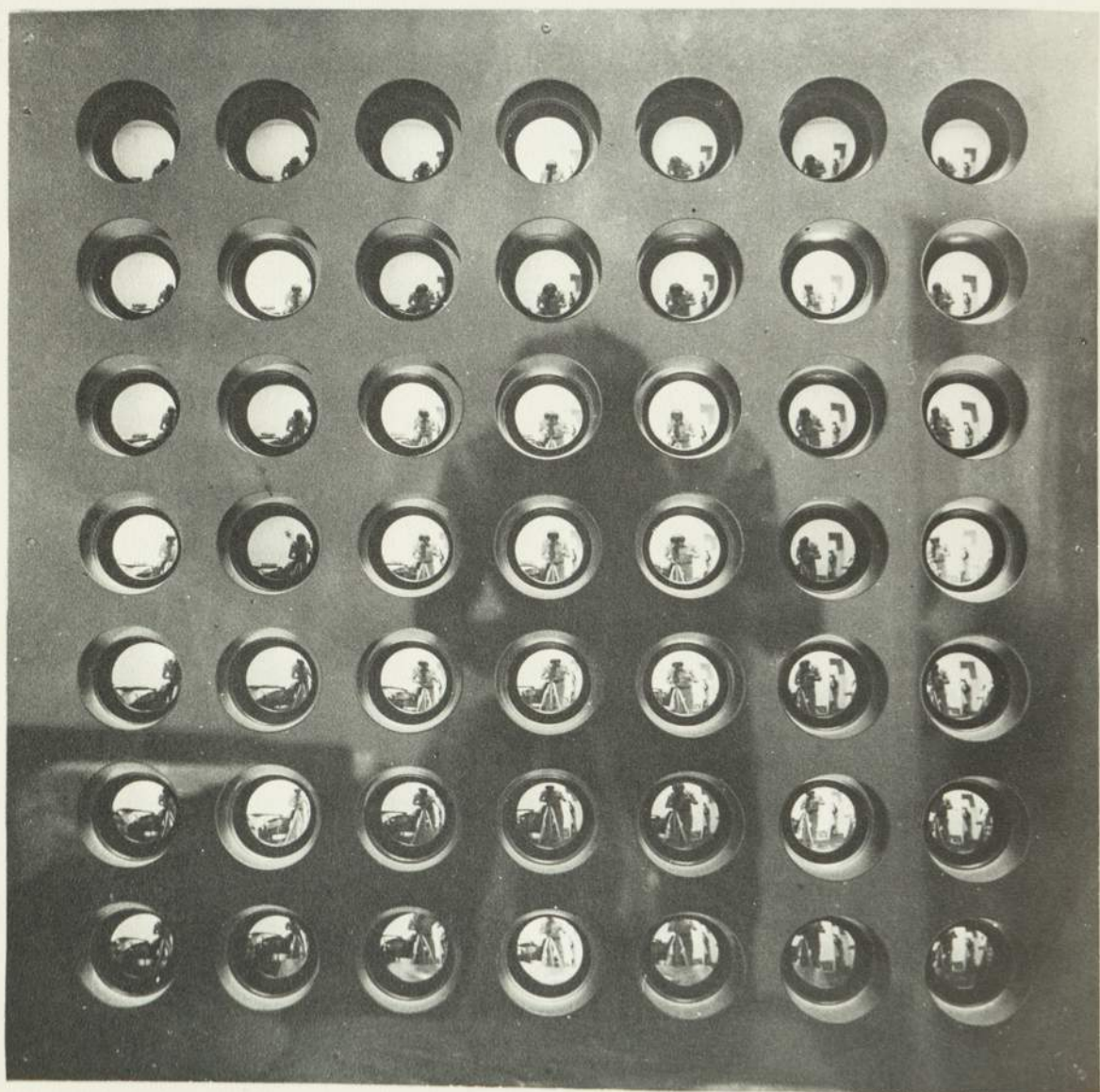
UBI BAVA

São Paulo, 1915

Residência: Rio de Janeiro, RJ

Série: "Homenagem ao Espectador"

1. Você é a Composição, 1975. Espelhos parabólicos e acrílico tratado. 80 x 80
2. Você na Composição, 1975. Espelhos parabólicos e acrílico tratado. 80 x 80
3. Você, sempre você; 1975. Espelhos parabólicos e acrílico tratado. 80 x 80



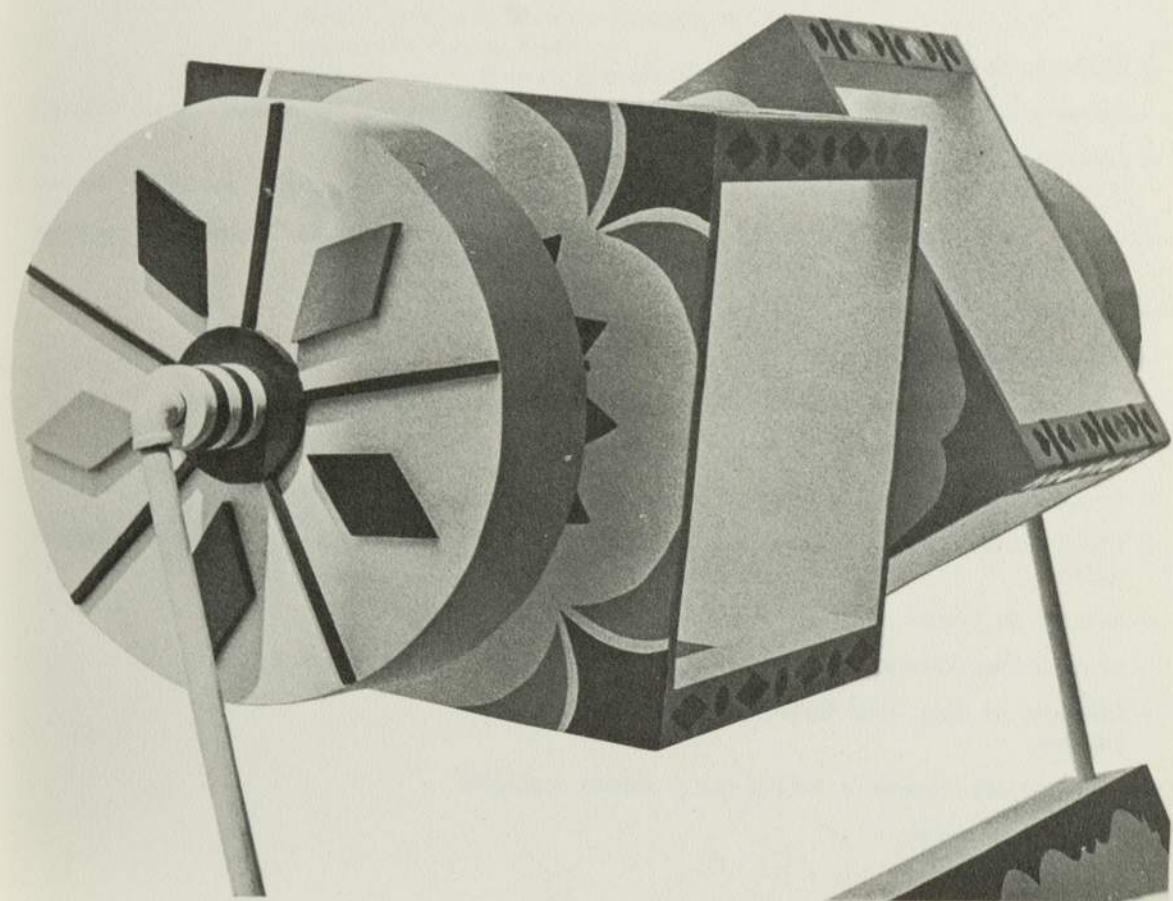
Você é a Composição

VILMA RABELLO MACHADO

Minas Gerais, 1930

Residência: Belo Horizonte, MG

1. Proposta para Brincar — I, 1975. Madeira, 80 x 170
2. Proposta para Brincar — II, 1975. Madeira, 180 x 170
3. Proposta para Brincar — III, 1975. Madeira, 180 x 170



Proposta para Brincar — III

EXPOSIÇÕES E ATIVIDADES DO MAM EM 1975

- Exposição do acervo
 - Lançamento do livro de arte de Clovis Graciano, editado por Marcos Marcondes e Mario Fittipaldi
 - Exposição de trabalhos de crianças brasileiras e americanas:
"Como vejo os Estados Unidos", "Como vejo o Brasil". Colaboração com a Associação Alumni
 - Curso: "Arte, Cultura e História; uma introdução à história da arte do Ocidente", a cargo do Prof. Carlos Scarinci
 - Escultura de Maria Guilhermina
 - Retrospectiva Ottone Zorlini
 - Lançamento da revista "Vida das Artes", editada por José Roberto Teixeira Leite
 - Louis Derbré, escultura — Sophia Vari, pintura recente
 - Zaluar — da natureza à geometria — da geometria à natureza (retrospectiva)
 - Filmes de Kenneth Clark sobre Arte e Arquitetura — Em colaboração com a Sociedade de Cultura Inglesa
 - Palestra de Frederico Moraes sobre a obra de Abelardo Zaluar
 - Retrospectiva Alfredo Volpi
 - Panorama de Arte Atual Brasileira — Escultura e Objeto. Debates.
- No intervalo das mostras, e sempre que o espaço o permita:
- Exposição do acervo.

DIRETORIA:

Flavio Pinho de Almeida, presidente
Luís Arrôbas Martins, vice-presidente
Trajano Pupo Netto, vice-presidente
Luiz Pinto Thomaz, 1.º tesoureiro
Miguel Badra Junior, 2.º tesoureiro
Maurício Goulart, 1.º secretário
Paulo Mendes de Almeida, 2.º secretário
Antônio de Pádua Rocha Diniz, diretor
Arthur Octávio de Camargo Pacheco, diretor
Boaventura Farina, diretor
João Baptista Pereira de Almeida, diretor
Julio de Mesquita Neto, diretor
Luís Martins, diretor
Roberto Cerqueira Cesar, diretor

COMISSÃO DE ARTE:

Paulo Mendes de Almeida, presidente
Arthur Octavio de Camargo Pacheco
Diná Lopes Coelho
Luís Martins

mam

PATROCÍNIO DO GOVERNO DO ESTADO DE S.PAULO
SECRETARIA DE CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
E DA PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE S.PAULO